



# ***Restauração dos Algarves, ou Os Heróis de Faro e Olhão: Drama Histórico em Três Actos***

**2ª Edição electrónica** de Novembro de 2010, da APOS – Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão.

**1ª Edição electrónica** de Junho de 2009, da APOS – Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão.

**1ª Edição em papel:** Oliva, Luiz de Sequeira - *Restauração dos Algarves, ou os Heróis de Faro e Olhão, Drama Histórico em Três Actos* - Lisboa, Imprensa Régia, 1809.

**2ª Edição em papel:** Oliva, Luiz de Sequeira - *Restauração dos Algarves, ou os Heróis de Faro e Olhão, Drama Histórico em Três Actos* – Licorne & APOS, Outubro de 2010, ISBN: 978-972-8661-65-6.

**Capa:** Alegoria ao levantamento dos pescadores de Olhão no dia 16 de Junho de 1808 retirada do livro *A Invasão de Junot no Algarve*, de Alberto Iria, com a seguinte legenda do autor: estampa colorida – que pertenceu a João Baptista Prucher - da colecção do Exmo. Sr. Comandante Afonso de Dornelas, Ilustre Secretário Geral da Academia Portuguesa da História.

**Adaptação, anotação e introdução:** Edgar Cavaco

## ÍNDICE

CONTEXTUALIZAÇÃO E INTRODUÇÃO À OBRA.....	1
FRONTISPÍCIO DA EDIÇÃO ORIGINAL.....	12
PREFÁCIO [EDIÇÃO DE 1809].....	13
PERSONAGENS.....	16
<b>ACTO I - O Teatro representa uma Sala de Despachos do General Maurin.....</b>	<b>17</b>
CENA I - MAURIN só.....	17
CENA II - AJUDANTE e o mesmo.....	19
CENA III - MAURIN só.....	21
CENA IV - JULIETA e FLORINDA.....	22
CENA V - O PRIMEIRO CAPITÃO DE ARTILHARIA PORTUGUÊS e as mesmas.....	23
CENA VI - MAURIN e o APITÃO.....	25
CENA VII - AJUDANTE e os mesmos.....	29
CENA VIII - MAURIN e o CAPITÃO PORTUGUÊS .....	32
CENA IX - AJUDANTE, CAPITÃO FRANCÊS e MAURIN.....	34
CENA X - MAURIN e FLORINDA.....	37
CENA XI - MINISTRO, MAURIN e AJUDANTE.....	41
CENA XII - MAURIN e o AJUDANTE.....	44
<b>ACTO II - O Teatro representa a habitação do primeiro Capitão português.....</b>	<b>46</b>
CENA I - O primeiro CAPITÃO português .....	46
CENA II - JULIETA, FLORINDA, e o mesmo.....	47
CENA III - O Teatro representa um campo.....	50
CENA IV - O segundo CAPITÃO de Artilharia português com as tropas, que fazem gestos de não estarem contentes.....	53
CENA V - AJUDANTE e os mesmos.....	54
CENA VI - O segundo CAPITÃO Português só.....	57
CENA VII - O CAPITÃO, e um HOMEM de Faro.....	58
CENA VIII - O CAPITÃO só.....	60
CENA IX - O Teatro representa o campo chamado Virgilius, com algumas casas de Quinta.....	61
CENA X - Os mesmos, CHARROCO, AMARO e MARIANA.....	70
<b>ACTO III - O Teatro representa a vista de campo. ....</b>	<b>82</b>
CENA I - O SEGUNDO CAPITÃO PORTUGUÊS.....	82
CENA II - O PRIMEIRO CAPITÃO comandando os PAISANOS DE FARO, armados de toda a sorte, e com o laço vermelho no braço. O SEGUNDO CAPITÃO e SOLDADOS DO SEU COMANDO.....	78

<b>CENA III - O SEGUNDO CAPITÃO e os mesmos.....</b>	<b>86</b>
<b>CENA IV - JULIETA e FLORINDA.....</b>	<b>88</b>
<b>CENA V - CHARROCO, MARIANA e AMARO com a GENTE DE OLHÃO .....</b>	<b>90</b>
<b>CENA VI - SOLDADOS FRANCESES, fugidos de Faro, encontram JULIETA e FLORINDA, e trazem-nas arrebatadas para dentro da Cena: estas fazem esforços para se escaparem.....</b>	<b>91</b>
<b>CENA VII - CHARROCO e AMARO com os PAISANOS, que correm sobre os FRANCESES; estes tiram as espadas para se defenderem; porém, são em breve desarmados, e ajoelham-se.....</b>	<b>92</b>
<b>CENA VIII - O SEGUNDO CAPITÃO, alguns SOLDADOS PORTUGUESES, e os antecedentes .....</b>	<b>95</b>
<b>CENA IX - Os mesmos e MARIANA, que traz um DRAGÃO FRANCÊS prisioneiro.....</b>	<b>98</b>
<b>CENA X - Os mesmos, o PRIMEIRO CAPITÃO, o MINISTRO, SOLDADOS e PAISANOS, que trazem uma Peça de Artilharia tomada aos Franceses, e alguns prisioneiros.....</b>	<b>100</b>
<b>CENA XI - Os mesmos, GENERAL MAURIN, e o AJUDANTE em mangas de camisa, alguns SOLDADOS FRANCESES, e o HOMEM DE FARO.....</b>	<b>103</b>

## CONTEXTUALIZAÇÃO E INTRODUÇÃO À OBRA

No ano de 1807, a política expansionista de Napoleão tinha chegado ao seu auge. No entanto, apesar de ter praticamente toda a Europa a seus pés (através de conquistas ou alianças forçadas), o imperador da França continuava a ver a sua ambição frustrada por um pequeno país no sudoeste do continente. Portugal, com mais de 900 quilómetros de costa, persistia em abrir os seus portos à nação inglesa, apesar do bloqueio continental à Inglaterra decretado por Napoleão no ano anterior. A situação seria bastante delicada, pois se Portugal mantinha - e mantém - com a Inglaterra uma aliança secular (considerada a mais antiga de todo mundo), ao mesmo tempo declarava-se um país neutral, facto que muito irritava Napoleão.

Sabe-se que Napoleão, pelo menos desde 1798, então somente General, já visava fechar os portos portugueses à Inglaterra, potência inimiga da França. Contudo, será somente em 1801, dois anos depois de se tornar Primeiro Cônsul da França, que Napoleão acorda com a Espanha uma invasão a Portugal, precisamente com aquele objectivo. O governo espanhol, bastante pressionado, decide não esperar pelas tropas napoleónicas e arrisca uma incursão pela zona do Alentejo, que foi facilmente dominado em questão de poucos dias. A guerra das Laranjas (como ficou conhecido este episódio) culminou com a assinatura do Tratado de Badajoz, onde Portugal reconhecia a perda de Olivença e assegurava o encerramento dos seus portos costeiros às embarcações inglesas. No entanto, Napoleão não quis ratificar este acordo, promovendo um novo tratado com imposições bem mais severas a Portugal.

As coisas assim teriam ficado, mas o governo português, não querendo romper com a aliança inglesa, insistia em abrir os seus portos ao escoamento de mercadorias provenientes da Inglaterra. Tal atrevimento não era bem visto por Napoleão, de modo que em 1804, ano em que se torna Imperador da França, começa a entrar em negociações com o primeiro ministro espanhol, Manuel Godoy, a fim de se proceder a uma nova invasão, desta vez visando desmembrar o reino português. Estas negociações, que serão interrompidas por diversas ocasiões, culminam tão somente a 27 de Outubro de 1807, quando dois representantes da França e da Espanha assinam um tratado secreto na cidade francesa de Fontainebleau. Visava este tratado pôr um fim definitivo à insolência do monarca português: não só se previa o encerramento e controle dos portos portugueses pelas tropas espanholas e francesas como se dividia todo o território em três partes, sendo que uma delas seria entregue precisamente ao ministro Manuel Godoy, o denominado Principado dos Algarves (que, apesar do nome, incluiria também todo o Alentejo).

É assim que, no final de Novembro de 1807, começam a entrar em Portugal aproximadamente quarenta milhares de militares franceses e espanhóis comandados pelo General Junot. O sul (e o norte) do território nacional é inicialmente ocupado pelas tropas espanholas, mas a 1 de Fevereiro

do ano seguinte tudo muda. Vários decretos assinados por Junot revelam que a partir desse dia a dinastia da Casa de Bragança era dada como extinta, e a regência portuguesa instituída por D. João antes da partida para o Brasil, definitivamente suprimida. Finalmente se tornavam óbvias as intenções de Napoleão: todo o país seria governado pelos franceses.

Com esse fim, no dia 23 de Fevereiro, entram no Algarve cerca de quatrocentos militares franceses comandados pelo General Maurin, distribuídos por um Batalhão do Regimento n.º 26, por uma Companhia de Dragões (cavalaria) e por outra de Artilharia, incluindo ainda a Legião do Meio-dia, chefiada pelo coronel Maransin. Os espanhóis, desenganados, tinham abandonado a praça de Faro cerca de duas horas antes daqueles chegarem, sem esperarem pelas naturais formalidades da transição militar e administrativa. A ocupação francesa de todo o Algarve, contudo, não se teria feito de forma imediata, devido ao seu reduzido número. De facto, é só em finais de Março que chega um novo corpo composto por cerca de um milhar de soldados das tropas napoleónicas, que no entanto será insuficiente, como em breve se demonstraria.

Em 1808, o lugar de Olhão pertencia ao termo da cidade de Faro, e embora fosse um povoado geograficamente pequeno, contava com uma considerável população de cerca de cinco milhares de habitantes. Estes, essencialmente gente marítima, tinham já dado algumas mostras de autonomia e independentismo, sobretudo quando conseguiram a desanexação da freguesia de Quelfes, e mais tarde através da desincorporação do Compromisso do Corpo Santo de Faro, conseguido por requerimentos directos feitos ao rei D. José, que permitiu a criação dum novo Compromisso Marítimo no lugar de Olhão, que se veio a tornar o principal motor do desenvolvimento do lugar.

A 14 de Abril de 1808, os pescadores olhanenses viram abalada a pacatez da sua rotina habitual, com a instalação no lugar de cerca de duas dezenas de soldados franceses. A chegada dos franceses ao Algarve veio acompanhada por uma série de impostos que, em Olhão, se verificaram bastante pesados, sobretudo devido aos escassos recursos da sua população, humilde e modesta, sem aristocracia e grandes riquezas. Entre várias medidas que dificultavam a vida piscatória, os franceses obrigaram o Compromisso Marítimo do lugar a cobrar aos pescadores que quisessem ir ao mar. Se quisessem ir à costa de África, que costumavam frequentar, estavam sujeitos ao pagamento dum imposto ainda maior. Qualquer contrabando estava expressamente proibido, condenando-se à pena de morte quem infringisse a medida. Quem quisesse sair do Algarve e quem tivesse bens tinha que pagar outros tantos tributos. Como se não bastasse, ainda foi roubada toda a prata que havia na Igreja Matriz do lugar.

Apesar de o príncipe regente D. João ter decretado aos portugueses para não se rebelarem contra o invasor (antes de partir com a sua família para o Brasil), todas estas afrontas começavam a fazer fervilhar nos olhanenses

sentimentos hostis aos franceses, ao ponto de estes, em Faro, se queixarem daqueles pescadores (que aí tinham de se dirigir para contribuir para o então chamado *prato do governador francês*), dizendo que os olhanenses eram má gente, porque nunca olhavam para eles, franceses, com olhos direitos... É certo que o sentimento perfilhado pelos olhanenses não seria de todo estranho aos algarvios e ao resto dos portugueses em geral, sobretudo dentro das classes mais desfavorecidas. Segundo as crónicas coetâneas da época, este sentimento também seria partilhado por alguma nobreza e por alguns militares, mas o certo é que ninguém passava à acção.

Na verdade, as primeiras manifestações de revolta contra os franceses surgem no país vizinho. O Tratado de Fontainebleau tinha aberto o passo a milhares de soldados franceses que continuavam a passar os Pirinéus, mas que em vez de se dirigirem para Portugal tinham começado aos poucos a ocupar posições estratégicas dentro do território espanhol. Aproveitando a conturbada política interna que se vivia na Espanha, Napoleão tinha requerido audiências com os membros da corte deste país, que traiçoadamente acabaram por ser presos na França e forçados a abdicar da Coroa. Entretanto, perante o abandono dos próprios monarcas, o vazio do poder começou a ser preenchido através de Juntas governamentais estabelecidas em todas as províncias espanholas. A de Sevilha será talvez a mais radical, pois não só se auto-denominou Suprema Junta do Governo de Espanha, como acabará por declarar guerra à França, no dia 6 de Junho de 1808 (já depois de apelar ao povo português para se juntar à mesma causa).

Neste mesmo dia, impelido pela situação galega, em tudo semelhante à andaluza, o comandante das tropas espanholas instaladas no Porto decide aprisionar a reduzida guarnição francesa que aí se encontrava. Na manhã seguinte, a bandeira portuguesa chega mesmo a ser hasteada numa fortaleza junto à foz do rio Douro, mas assim que os espanhóis saem do Porto em direcção à Galiza, as autoridades portuguesas abafam os acontecimentos, delatando tudo a Junot. Não obstante, a notícia espalhou-se rapidamente por Trás-os-Montes, e segundo parece, propagou-se mesmo até ao sul do país, através de dois barcos de pesca vindos do Porto.

No sul da Península, o consecutivo alastramento da insurreição espanhola obriga a reduzida guarnição francesa do Algarve a se concentrar na zona do Guadiana, prevenindo e tentando assim impedir a passagem dos motins para o lado português. Estas condições, somadas talvez ao conhecimento dos sucessos do norte do país, levaram a que na noite de 12 de Junho, véspera do dia de Santo António, germinasse em Olhão o primeiro embrião da revolta que viria a consumir-se quatro dias depois: Na Igreja Matriz do lugar, o brasão das armas nacionais foi destapado, numa nítida mostra de enfrentamento aos franceses, que tinham proibido qualquer ostentação dos símbolos nacionais. Entre cantigas ao Santo português, soaram nessa noite alguns gritos contra os franceses e outros a favor da monarquia bragantina. No

dia seguinte, os ânimos elevaram-se ainda mais e todas as embarcações de Olhão hastearam a bandeira nacional.

Contudo, será somente no dia 16 de Junho que estala a revolta propriamente dita. A gota de água surge quando o povo, ao se dirigir à missa do Corpo de Deus (preceito obrigatório para todos os cristãos, como ditava a Igreja), se depara com um edital de Junot datado de 11 de Junho, onde se justificava o desarmamento das tropas espanholas ainda concentradas em Portugal, na sequência das várias rebeliões motivadas por militares do país vizinho. Referia ainda Junot que ensinaria os portugueses a vencer os ingleses, no caso de que estes invadissem Portugal. No meio da população encontrava-se o coronel José Lopes de Sousa, que tinha preferido abdicar do seu cargo de governador de Vila Real de Santo António em vez de se submeter aos franceses. Ao ver o referido edital, Lopes de Sousa rasgou-o e incitou a população à revolta contra o jugo estrangeiro. Os olhanenses aderem imediatamente às palavras do coronel e correm a tocar o sino para atrair o povo das redondezas, enquanto outros se dirigem às fortalezas costeiras de S. Lourenço e da Armona, a fim de trazerem armamento para a defesa do lugar. Em terra, fora alguns que conseguiram fugir, cinquenta e oito franceses foram aprisionados, enquanto toda a população se ia armando com o que havia à mão. Entretanto, um barco de pesca foi enviado ao largo de Ayamonte, onde se encontrava uma esquadra inglesa, a fim de ser requerido algum auxílio militar. Apesar dos ingleses não terem ajudado os olhanenses, estes últimos não cruzaram os braços e dirigiram-se a Ayamonte, onde conseguem obter cento e trinta espingardas, em parte devido ao capitão Sebastião Martins Mestre, da cidade de Tavira, que se tinha dirigido aí com o mesmo fim. Unindo-se à revolta olhanense, este capitão vem então para Olhão, onde terá um papel bastante importante.

Os franceses que estavam em Faro, entretanto, sabendo dos motins em Olhão (possivelmente através de alguns militares que se encontravam no lugar e que tinham conseguido fugir), avisam as suas tropas situadas em Tavira e Vila Real de Santo António para se dirigirem em seu socorro. Parte deste auxílio (cerca de oitenta militares) dirige-se para Faro de barco, na manhã do dia 18 de Junho, e, ao passarem a sul do lugar de Olhão, são surpreendidos pelos pescadores olhanenses, que os aprisionam em plena ria, juntamente com o seu armamento. Na decorrência deste evento, descobrem os olhanenses que mais franceses se dirigem para Faro, desta vez por terra. Decidem então fazer uma emboscada junto à antiga ponte de Quelfes, onde se encontram com mais de cento e oitenta franceses. Perante o inesperado ataque, estas forças fogem e dispersam-se pelo campo, até ao sítio da Meia Légua (entre Faro e Olhão, na zona da actual E.N. 125), tendo sido mortos pelo caminho cerca de dezoito franceses. Nesse mesmo sítio se dá posteriormente um novo combate, contabilizando-se vinte e cinco mortos do lado dos franceses. Nestes três combates evidenciou-se o já referido capitão Sebastião Martins Mestre, que no final do dia embarcou para Ayamonte, juntamente com José Lopes de Sousa,

com o expressado fim de adquirirem mais armamento. Sem chefes militares, os pescadores não se deram por vencidos, apesar de jogarem pelo seguro e nessa noite irem dormir na ria. Segundo parece, os franceses teriam tomado estas embarcações por inglesas, receio alicerçado talvez em boatos que as mulheres olhanenses tinham circulado em Faro, segundo os quais os ingleses tinham desembarcado em Olhão.

Finalmente, no dia 19 de Junho, a quase totalidade das forças francesas situadas em Faro deslocou-se a meio caminho de Olhão, juntamente com alguns militares e ministros portugueses, a fim de tentarem convencer os olhanenses a se apaziguarem definitivamente (o objectivo era apenas ganharem algum tempo, pois novas tropas francesas se dirigiam para Faro, desta vez vindas de Mértola). Contudo, estas conversações (no mínimo humilhantes para os franceses) não chegaram ao fim: no meio do acordo chega a toda pressa um soldado francês montado a cavalo, afirmando que pouco tempo antes a população farensense também se tinha revoltado, ao se aperceber que a cidade estava praticamente despojada de franceses. Cerca de cento e setenta franceses, entre os quais o próprio General Maurin, doente e sem poder sair da cama, tinham sido presos.

Os franceses abandonam as negociações com os olhanenses e dirigem-se rapidamente para Faro, mas são repudiados pela artilharia ao tentarem reentrar na cidade, vendo-se forçados a debandarem para os campos. Quatro dias depois, todo o Algarve se verá definitivamente livre de tropas francesas. Em Faro, logo após a revolta ocorrida na cidade, formou-se um governo provisório (à imagem e semelhança do que se passava na Espanha), cuja presidência foi entregue ao Conde de Castro Marim, que, diga-se de passagem, já detinha o cargo de Governador do Algarve antes da invasão francesa (e que antes do final do ano se tornaria o primeiro Marquês de Olhão). Ora, uma das primeiras medidas que teve a Junta do Algarve foi precisamente passar à família real portuguesa a notícia de que a província tinha expulsado o inimigo. Então, mais uma vez estiveram os olhanenses na dianteira, ao se oferecerem para embarcarem para o Brasil num caíque, uma pequena embarcação de pesca jamais pensada para atravessar a imensidão dum oceano.

Entretanto, os franceses foram aos poucos ficando encurralados na zona de Lisboa, perante os avanços dos reorganizados exércitos do sul e do norte de Portugal. A entrada dos ingleses nos confrontos, embora tardia, será culminante para o fim da assim chamada primeira invasão francesa. Finalmente, a 15 de Setembro, as tropas francesas começam a embarcar em Lisboa com destino à França, levando consigo muitos despojos de guerra, facto incompreensível mas justificado pela Convenção de Sintra, onde não participaram portugueses, mas sim somente franceses e ingleses. Mas isso é outra história...

Cerca de uma semana depois, no outro lado do Atlântico, o caíque aportava finalmente no Rio de Janeiro. Imediatamente foram os olhanenses convocados para falarem com o príncipe regente, que, impressionadíssimo,

ofereceu-lhes avultadas recompensas monetárias, deu-lhes várias patentes militares, comprou o caíque para exposição e ofereceu-lhes um iate para regressarem a Portugal. Finalmente, no dia 15 de Novembro, D. João decretava através de Alvará Régio a elevação do lugar de Olhão a *Vila de Olhão da Restauração*, para além de no mesmo documento se prever que todos os habitantes da vila pudessem usar uma medalha comemorativa dos seus feitos, cunhada a propósito para a ocasião.

\*\*\*

Após a expulsão dos franceses em Setembro de 1808, Portugal continuou a viver um período de intensa agitação. Os franceses prosseguiram a assolar os espanhóis, e muitos portugueses não deviam esperar outra coisa senão que os inimigos tornassem a invadir o país (o que irá acontecer em Março de 1809). Em tal contexto, era necessário alimentar e difundir ideais patriotas que fizessem reduzir esse receio e que incentivassem a população a resistir em caso de novo ataque.

No meio da vastíssima literatura patriota e anti-francesa da época<sup>1</sup>, Luís de Sequeira Oliva e Sousa Cabral (1778-1815)<sup>2</sup>, que assinava com o pseudónimo *L.S.O. Português*, foi um dos muitos autores que tentaram contribuir para o espírito de independência nacional que então se julgava necessário fortalecer. A este respeito, já em 1809, José Acúrsio das Neves, no primeiro tomo da sua *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal*, aclarava que Luís de Sequeira Oliva era “um estimável autor, o qual tem feito serviços assinalados à pátria nos excelentes escritos com que tem concorrido a sustentar o valor e o patriotismo da nação, no meio das crises mais violentas”<sup>3</sup>.

De facto, o ano de 1808 tinha sido prolífico para Luís de Sequeira Oliva. Em Novembro começara a publicar um jornal de cariz anti-napoleónico,

---

<sup>1</sup> Cf. Rita Correia, “Invasões Francesas: o esgrimir das penas e os papéis incendiários”, [Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências «O Vício da Liberdade: Jornais e Panfletos Anti-Napoleónicos (1807-1815)», promovidas pela Hemeroteca Municipal de Lisboa, a 6 Dezembro 2007]: “A julgar pela quantidade de obras anunciadas na Gazeta, Napoleão e os seus sequazes fizeram a fortuna de muitos livreiros: só em Lisboa, entre 1808 e 1811, saíram dos prelos da Imprensa Régia cerca de 700 panfletos e folhas volantes, o que corresponde a perto de metade da produção nacional”. Texto disponível em [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/EstudosInternos/Invasoes/ConfInvasoes\\_RC.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/EstudosInternos/Invasoes/ConfInvasoes_RC.pdf)

Sobre o caso particular de Olhão, ver a obra de Carla da Costa VIEIRA, *Olhão – Junho de 1808. O levantamento contra as tropas francesas através da imprensa e literatura da época*, Olhão, Edição do Município de Olhão, 2009.

<sup>2</sup> Cf. a nota bio-bibliográfica de Inocêncio Francisco da SILVA, no seu *Dicionário Bibliográfico Português – Tomo Quinto*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, pp. 320-321.

<sup>3</sup> José Acúrsio das NEVES, *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal, e da Restauração deste Reino – Tomo I*, Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1809, p. 186.

intitulado *O Lagarde português, ou gazeta para depois de jantar*. O título da publicação, jocoso, era uma alusão nítida à *Gazeta de Lisboa*, jornal que serviu de órgão oficial da propaganda francesa durante o efémero governo intruso, e que era então dirigido por Lagarde (a quem Junot tinha também dado o cargo de Intendente da Polícia de Lisboa). Este jornal teve poucos números, mas já em Dezembro o seu editor – e autor – dava origem a um outro, um semanário intitulado *O Telégrafo português, ou gazeta anti-francesa*.

Nesse mesmo ano, Luís de Sequeira Oliva fazia publicar duas obras, incluindo em ambas, com mais ou menos destaque, o exemplo e a primazia da revolução ocorrida em Olhão. A primeira era uma biografia sobre a vida de Napoleão até à derrota das suas tropas no território português, intitulada *Verdadeira vida de Bonaparte até à feliz restauração de Portugal*. A segunda era uma espécie de comédia dramática que tinha como título *Diálogo entre as principais personagens francesas, no banquete dado a bordo da Amável por Junot no dia 27 de Setembro de 1808*. Este *Diálogo* reconstruía ficticiamente o dia em que Junot e os seus cúmplices no plano de usurpação de Portugal (para usar a linguagem da época) tinham embarcado em direcção à França, depois da fatídica Convenção de Sintra. No final do banquete, enquanto os personagens iam bebendo um café de cevada, chegava um criado com uma carta endereçada a Junot. Como este confessaria, era a trigésima primeira carta que um “fradinho do Algarve” lhe dirigia, cartas estas que, “carregadas de afrontas”, Junot deixara de abrir, com receio do seu conteúdo. Ora, este padre do Algarve, que assinava com o nome (inventado por Luís de Sequeira Oliva?) de Frei Tibúrcio de Santa Teresa, diz a Junot que já tinha “feito circular certos papelinhos” em que o tratava como era merecido, e apenas lhe escrevia para pedir um favor: que entregasse nas próprias mãos de Napoleão uma outra carta, “que lhe manda um seu grande amigo de infância, natural de Olhão nos Algarves, que no tempo em que Bonaparte era rapaz, brincou com ele na Córsega, quando fazia com esta ilha o comércio dos figos”. Apesar de longa, transcrevemos aqui esta carta na totalidade, conservando as notas originais do autor:

Olhão, 16 de Junho pela manhã\*.

Amigo Bonaparte, há 24 anos que não te vejo, nem tenho podido escrever por falta de portador certo; não posso contudo queixar-me de não ter notícias tuas; pois que a nossa *Gazeta de Lisboa* quase sempre falava de ti, e a dos nove meses passados não falava em outra coisa. Como te fizeste Imperador, é natural que não te lembres do teu Amaro da Fonseca, a quem fazias tantas festinhas para lhe sacares alguns figos; e que pela muita confiança que lhe davas, te tratava por tu: perdoa se hoje te dou o mesmo tratamento, sou Portugal velho; foras tu um Santo, certamente não mudava de tom.

Vamos ao que serve. Dizem por cá tanto mal de ti, que pela confiança que sempre tive com a tua família, principalmente com a tua mana mais velha, a mulher do Joaquim, não posso deixar de te dar alguns saudáveis conselhos,

---

\* Foi neste dia pela uma hora da tarde que principiou a Revolução do Algarve.

ainda que faças deles o caso que fizeste dos do teu grande amigo Talleyrand. Amigo Bonaparte, fique aqui entre nós: a asneira está feita, e o borrão lançado; eu sempre disse que a tua demasiada esperteza e mau génio não a podia fazer limpa; e quando soube que te fizeras Cônsul e Imperador, pus as mãos na cabeça, e disse a quem me quis ouvir, que te queriam deitar a perder. O que acabas de fazer à Espanha justifica o meu prognóstico. Estás perdido, meu pobre Bonaparte, armaram-te uma entrega, e já não podes sair bem da festa. Se queres contudo ainda salvar-te, abraça estes salutíferos conselhos: Manda logo sair as tropas da Península\*\*, senão olha que ficas sem elas: entrega aos espanhóis o seu Fernando, se não arriscas-te a que to vão buscar por força, e convoca para um congresso geral os Reis teus irmãos, e todos os demais Reizinhos, Príncipes, Duques e Condes da tua fábrica, e faz-lhes a seguinte fala: «Amigos companheiros, acabou-se a escrituração! Vossas mercês, de Reis de Teatro passaram ao que eram antes de actores; e eu, de Imperador, descerei ao meu antigo estado: deponde aqui Ceptros e Coroas, e todo o vestuário, para se entregar aos empresários Talleyrand, Sieyes e Fouchet\*\*\*; porque chega nova companhia, e é forçoso ceder-lhe o Teatro».

Na noite da última representação farás igualmente ao público a seguinte falinha: «Respeitabilíssimo, Sapiientíssimo e Sossegadíssimo Público, cansado de representar mal, e enfadado de levar *pateadas*, peço-vos a minha demissão: perdoai se não fiz o meu papel de Imperador nesta *última comédia* com aquela decência e grandeza digna de tão alto lugar. Confesso-vos ingenuamente, Senhores, que a demasiada ambição de querer fazer os papéis de primeiro galã no grande Teatro Nacional, não me deixou ver que apenas os poderia fazer de *lacaio* no mais pequeno Teatro das Províncias. Confuso e humilhado, volto à minha primeira ocupação, perdoai, Senhores, meus defeitos, e chorai minha enorme cegueira». Eis o último recurso que te resta, meu Bonaparte, dá-te pressa a executá-lo, se não queres perder a vida, e volta para a Córsega, onde para o ano que vem te darei um abraço, se tiver boa colheita de figos.

Adeus, adeus, que tocam os sinos de Olhão e Faro, creio que é para receber a tua Legião do Meio-dia com aquelas honras que ela merece; quero achar-me presente, ela te levará notícias da nossa cortesia: saudades às manas, e à mãe. Sou teu amigo em bom português,  
*Amaro da Fonseca Charroco\*\*\*\**

E se esta carta é criada pela imaginação de Luís de Sequeira Oliva, comparemo-la com o seguinte requerimento feito por um olhanense à rainha D. Maria I, introduzido na mesma *Monografia de Olhão*:

“Senhora Rainha, diz António Martins Marujo, daqui de Olhão, mestre do Calão de Manuel Mezino, o bocarra; que eu tenho as minhas desconfianças que me querem eleger este ano para Escrivão deste Compromisso, que eu já tenho

---

\*\* É pena que esta carta não fosse entregue a Bonaparte logo depois de escrita, talvez se aproveitasse dos conselhos, e não lhe sucedesse o que o seu amigo lhe vaticinava.

\*\*\* Estes três marmelos foram os que chamaram Bonaparte do Egipto para vir governar a França.

\*\*\*\* Existe verdadeiramente este homem.

ouvisto [sic] falar nisso, e também se rosna que querem também eleger para Juiz do mesmo Compromisso a Manuel Gonçalves, o esquento. Eu não tinha gosto que ele fosse, porque ele é um Homem que não acode pela maritiga [sic] e receio que faça alguma asneira. Por isso queria eu ver se Vossa Mercê lhe podia dar algum remédio a quem ele não fosse mandando pedir. O Ouvidor que lhe não aceite o voto, que ele logo lhe faz isso. Mas isto debaixo de todo o segredo, porque não quero que se conheça esta minha letra, porque este homem é meu parente, por ser casado com a minha prima Maria Chinela. Eu fico descansado que hei de ser servido, porque tenho razão; porque depois não quero que se diga que sou o Caraças de algumas desordens, que leve o diabo a alma de quem gosta delas; porém, se tomo a proa, receio isto; não quero sirva com ele [sic] para não me meter em algum debuxo.

Peço a Vossa Mercê, faça-me este gosto, ainda que não faça outro. Só [quero] prover sair com a minha, e não dar língua a cães. Assim, Nosso Senhor lhe dê saúde, mais aos meninos: ao Senhor Príncipe e Senhora Infanta.

Perdoe a minha confiança. E. R. M.”

Ambas as cartas – a primeira fictícia, mas a segunda, real – , deixam entrever a relação completamente despida de formalismos – que os pescadores analfabetos de Olhão tinham com os altos cargos. Em 1906, na obra citada, Ataíde Oliveira não só confirmava que “o mareante do concelho de Olhão é conhecido ainda nas estâncias superiores pela sua linguagem desataviada dos melhores conceitos”<sup>4</sup>, como também referia uma frase atribuída aos marítimos de Olhão, quando “responderam a D. João VI que guardasse *em certa parte* a moeda que lhes prometera caso se conservassem calados durante cinco minutos”<sup>5</sup>. Ainda sobre esta linguagem desavergonhada e até ofensiva, que poderia parecer petulante se não fosse ela fruto da ignorância das *boas maneiras*, o mesmo autor escreveu que “no povo de Olhão não há dois modos de pensar e de sentir, queremos dizer: sente o que diz e diz o que sente. É esta franqueza com que exprime a sua opinião que os costumados a um duplo sentido e a uma dupla vista levam à troça. Queriam que o povo não fosse de uma opinião e que a não defendesse com tamanha convicção; preferiam talvez vê-lo acender vela no altar da cruz e no pagode de Meca. Não conseguem isso de um povo que não só é decidido, mas por excelência teimoso. A frase que se lhe atribui de remotas origens – *aqui esmurrou meu pai, aqui esmurro eu* – , tem ainda toda a actualidade. E é a esta independência de carácter a esta firmeza de princípios e a esta – diga-se – teimosia no procedimento, que a classe marítima deve a sua preponderância desde que se separou da freguesia de Quelfes e desde que se desanexou do Corpo Santo de Faro”<sup>6</sup>.

Fizemos este parêntesis porque parece indubitável que Luís de Sequeira Oliva conhecia este modo de falar e de ser do povo olhanense, demonstrando-o

---

<sup>4</sup> Francisco Xavier de Ataíde OLIVEIRA, *Monografia do Concelho de Olhão da Restauração*, Porto, 1906, p. 221.

<sup>5</sup> Id., *ibid.*, p. 358.

<sup>6</sup> Id., *ibid.*, p. 223.

sem par no seu drama histórico em três actos intitulado *Restauração dos Algarves, ou os heróis de Faro e Olhão*, saído à luz em 1809.

Como o autor refere no prefácio, a obra, composta em apenas quinze dias, foi publicada à pressa em virtude da possibilidade de ser publicada uma outra peça sobre o mesmo assunto que a sua. Dois séculos depois, não consegui averiguar se tal afirmação tem algum fundamento de veracidade ou se era uma mera suspeita do autor. Nem sequer posso confirmar se a peça foi alguma vez levada à cena. Apenas tenho como mais ou menos segura a suposição de que a obra foi escrita e publicada somente depois de se saber em Lisboa que o lugar de Olhão tinha sido elevado à categoria de vila e que os tripulantes do caíque que levaram ao príncipe a notícia da restauração do Algarve tinham sido condecorados pelos seus feitos, notícia esta que tinha surgido no *Telégrafo Português*, no número de 11 de Maio desse ano, num pequeno artigo possivelmente da autoria do próprio Luís de Sequeira Oliva. Assim o pensamos porque apesar da história da *Restauração dos Algarves* se centrar num período em que Olhão era um simples lugar, todas as menções à localidade a referem como já sendo vila. Tal anacronismo, aliás, é algo frequente entre os autores que se referiram ao episódio da revolta de Olhão. Mas fora tal caso, quase todos os episódios narrados na presente peça são confirmados por outras fontes coevas dos acontecimentos, pelo que não será errado dizer que o autor quase certamente se terá inspirado nelas.

Mas o que quis Sequeira Oliva ao escrever esta última obra, hoje praticamente esquecida? Voltemos ao início: face à incerteza de uma possível vingança dos franceses, era necessário, mais que nunca, alimentar o espírito patriótico. Assim, com esta peça dramática, pretendia Luís de Sequeira Oliva, como afirma igualmente no prefácio, aproveitar o teatro como uma escola que difundisse os exemplos desse espírito. Foi, pois, com esse objectivo, que decidi compor uma obra baseada num exemplo concreto da restauração da independência: o da revolta iniciada em Olhão e seguida por Faro (e por todo o Algarve). De tantos exemplos que poderia utilizar, o autor quis pegar neste, talvez pelo motivo expresso na já referida *Verdadeira vida de Bonaparte até à feliz restauração de Portugal*: “Os habitantes desta para sempre memorável população de pescadores não só tiveram a glória de serem os primeiros que sacudiram o tirânico jugo dos franceses em Portugal, mas a outra não menor de serem os primeiros que, embarcados num frágil esquife, afrontando as procelosas vagas do Atlântico, foram ao Rio de Janeiro noticiar ao nosso amado Príncipe a feliz Restauração de Portugal nos Algarves. Estes sim, são verdadeiros descendentes dos Gamas e Albuquerque”<sup>7</sup>.

Luís de Sequeira Oliva, que no prefácio do seu atrás citado *Diálogo* afirmava que o animava um ardente desejo “de combater os Assassinos da espécie humana [i.e., os franceses], seja pela espada, seja com a pena”, foi assim

---

<sup>7</sup> *Verdadeira vida de Bonaparte, até à feliz restauração de Portugal, oferecida ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor M\*\* do L\*\*\*, por L.S.O. Português*, Lisboa, Impressão Régia, 1808, p. 123.

um dos primeiros autores – não olhanense, é justo dizê-lo – que se debruçaram sobre o feliz episódio da revolta dos marítimos de Olhão contra os franceses, tendo o mérito de passá-lo, na presente *Restauração dos Algarves, ou os heróis de Faro e Olhão*, a um género que hoje chamaríamos de drama histórico.

A julgar pelas palavras que em quase todas as suas obras dedicou ao episódio ocorrido em Olhão, podemos ter uma ideia razoável do que foi a notícia bombástica, que então ecoou possivelmente por todo o país, de que uma pequena aldeia de pobres pescadores – não ficando as mulheres de fora – não só ousara insurgir-se contra os soldados de Napoleão, mas que igualmente vencia, com escassos meios, um exército que era então um dos mais temíveis e invencíveis do mundo, dando ao mesmo tempo um exemplo que seria seguido em todo o Algarve; e que, finalmente, continuando no mesmo regime de ousadia, atrevera-se a atravessar um oceano desconhecido, numa frágil casca de noz, para comunicar ao príncipe regente, refugiado no Brasil, a ditosa ocorrência.

\*\*\*

Antes de se passar à obra propriamente dita, resta-me agradecer a António Paula Brito, presidente da APOS (Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão), que, ao ser alertado sobre o facto da presente obra poder ser digitalizada (através de um recente serviço da Biblioteca Nacional), logo se ofereceu para pagar a dita digitalização, sem a qual me seria impossível proceder à presente edição, actualizada ortograficamente e com algumas notas da minha autoria.

Não posso deixar de referir, finalmente, que esta actualização não se resumiu ao aspecto gráfico. Talvez devido ao facto de o autor ter composto a obra em apenas quinze dias (como confessa no prefácio), o texto original está cheio de imprecisões morfológicas, semânticas, e, sobretudo, a nível da sintaxe. Por esse motivo, senti-me obrigado a proceder a alterações (pontuação, concordância, etc.), algumas das quais mais drásticas, de modo a tornar alguns trechos minimamente legíveis. De qualquer forma, graças às novas tecnologias, quem tiver interesse em consultar o exemplar original pode sempre encontrá-lo nas páginas de internet da APOS ou da Biblioteca Nacional Digital.

*Edgar Cavaco*

*19 de Junho de 2010*

RESTAURAÇÃO  
 DOS  
 ALGARVES,  
 OU  
 OS HEROES  
 DE  
 FARO E OLHÃO,  
 DRAMA HISTORICO  
 EM TRES ACTOS;  
 ESCRITO  
 POR  
 L. S. O.  
 PORTUGUEZ.

---

*No amor da cara Patria, toda a Somma  
 Das virtudes se abrange.*

F. M. Ode ao Excellentissimo Senhor D. Rodrigo  
 de Sousa Coutinho.

---



L I S B O A  
 NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.  
 Com Licença.

**PREFÁCIO [EDIÇÃO DE 1809]**

Nas mais acreditadas Escolas das Belas Artes sempre se assentou que o principal fim das produções dramáticas deveria ser aumentar estímulos para tirar os homens do letargo que os impede de promoverem a sua perfeição moral – antolhando-lhes a fealdade e as funestas consequências dos vícios – e os atractivos das virtudes em quadros animados, que, por uma espécie de influência mágica, os convençam daquelas verdades de que o tardio raciocínio só deixa impressões superficiais na sua alma. Segundo este princípio, deveriam ser proscritas da cena todas as produções dramáticas que, pela monstruosidade de sua composição e sobrecarga de obscuridades embuçadas com equívocos – sócios inseparáveis das ideias torpes –, se opõem diametralmente às leis do bom gosto e aos verdadeiros princípios da educação pública.

É realmente incalculável quanto dano resulta à sociedade a representação de peças de semelhante natureza. Não é, porventura, autorizar todos os que estão propensos a satisfazer os impulsos de suas paixões? Não é indulgenciar quanto adula os seus depravados apetites? Não é, finalmente, fazer de certa maneira a apologia dos seus péssimos costumes?

Chegam, pois, os teatros a uma decadência lastimosa, logo que neles vemos representarem-se impunemente, depois de dramas de sublime moralidade, farsas da linguagem mais dissoluta e própria dos mais sórdidos *lupanares*. Muito embora a aura popular aplauda semelhante abuso, e a influência de *alguns autores* sobre a opinião do vulgo lhe granjeie uma sanção insuperável aos decorosos clamores do filantropo patriota, porque todavia merecerá – apesar disso – os tentames de afrontá-lo, a fim de efectuar a sua radical reforma.

Objectar-se-á que o público familiarizado com tais peças deixará de frequentar os teatros, quando neles se representarem peças de incontestável moralidade. Mas quem não vê a manifesta calúnia que semelhante objecção envolve contra o carácter de uma nação civilizada e religiosa? Não é, por outro lado, palpável absurdo conceder à parte mais corrupta do público a autoridade exclusiva de regular o instituto mais instrutivo dos bons costumes? Não é, pelo contrário, a parte sã da sociedade quem deve prevalecer neste caso? Se aquele sistema não padecesse reforma, quando poderia o pai de famílias conduzir seus filhos ao teatro, onde iriam escutar pela primeira vez termos e frases riscadas em todas as nações dos dicionários da boa educação?

Dizei, homens imorais: afastaram porventura os imortais pintores da natureza humana os perscrutadores dos recônditos do coração do homem, os grandes mestres que ensinaram o homem? Afastaram, digo, Corneille, Racine, Shakespeare, Voltaire e outros, os espectadores dos teatros? Ou contribuiu o

incomparável Molière, pelos seus brincos de Tália\*, arrancando a máscara ao vício, ou ridicularizando a loucura sempre nos limites do mais escrupuloso decoro, para a deserção dos teatros do seu tempo?

Devem, pois, representar-se peças que tornem os teatros em verdadeira escola de bons costumes; em tempos críticos que ameaçam a pátria, nos manifestar-se-á ainda uma nova vantagem.

Sendo todos os concidadãos interessados na conservação da independência nacional, e devendo todos ser esclarecidos nos meios de contribuir para este fim, então devem também os teatros converter-se em escolas do verdadeiro patriotismo. Asserção que ninguém ousara negar sem se fazer suspeito de cobarde e intempestivo medo do inimigo comum, ou de uma vergonhosa e culpável fraqueza de espírito.

Portanto, deveriam os interessados no bem público esmerarem-se em que se pusessem em cena peças alusivas às circunstâncias do tempo, nas quais se deixasse ver em, toda a extensão, a perfídia do inimigo, pondo em movimento o exemplo personalizado do quanto pode infundir no coração humano o ardente desejo de salvar a pátria, conservar o legítimo soberano e a religião do estado.

Os factos que formam o enredo de semelhantes peças não devem extrair-se da fábula, pois o inimigo que se pretende fazer aborrecido pertence à *História*; nem menos devem procurar-se nos Anais dos tempos passados, porque os motores das calamidades são do tempo presente. Devem pois *dramatizar-se* acontecimentos que se passaram debaixo dos olhos dos contemporâneos, e nos quais pessoas que respeitamos figurarão.

Portugueses de hoje, conheceis vós sucessos do tempo passado mais dignos de prender e fixar a vossa admiração, do que aqueles que efectuaram a nossa feliz Restauração? Se os conheceis, não quero ser vosso contemporâneo, e unir-me-ei à posteridade, que me fará talvez mais justiça!

Pretenderão talvez alguns apaixonados de inveterados abusos vituperar estas composições dramáticas, objectando que são informes, faltando-lhes a ilusão, um dos principais encantos pelos quais o poeta, lançando mão de factos que presenciamos, não pode inventar; ou que é quase inevitável que não contenham personalidades que ofenderam tanto os elogiados como os que se reconhecem censurados, não desejando os primeiros por motivos de modéstia figurar no tablado, e ofendendo-se os outros dos pretendidos vitupérios. A pouca entidade da primeira destas objecções fica manifesta, de facto, pela quantidade de peças propriamente históricas, que há séculos têm conservado o seu atractivo encantador para os nacionais, cujas façanhas elas celebram; e que em Londres, Berlim, Viena, etc., ali se vêem ainda todos os anos com o mesmo entusiasmo com que foram recebidas, quando há cem anos apareceram pela

---

\* Na mitologia grega, Tália é uma das filhas de Zeus, deusa que rege a alegria e a comédia. *Thalia* significava *flor*, em grego antigo, podendo também ter o sentido figurativo de *felicidade, alegria, abundância, festa...*

primeira vez em cena. Acerca da segunda objecção, reflectirei somente que quem não sente que há certos casos em que o bem e gosto particular deve ceder ao geral, e que não devemos prestar ouvidos a *ebulições* de intempestivos melindres, aonde por um sacrifício de pequenas contemplações se preenche o fim dos mais importantes para o bem da humanidade? Quem não sente a incontestabilidade destas verdades, digo, não merece ter voto sobre nenhum objecto de interesse público. O inglês, por exemplo, vê, sem o mínimo escândalo, representar a pessoa do seu Rei e os sucessos da corte onde reside. Tudo depende de uma bem organizada direcção dos teatros, onde cada casa de espectáculos tem o seu director, a quem uma superabundância de outras ocupações não rouba o tempo de examinar as peças; ali cessam todas as chicanas que podem esfriar o estro dos autores, de oferecer as suas composições, de cuja variedade é que depende a frequência dos teatros. Desta maneira também se iludem as chamadas *intrigas dos bastidores*, que a favor de indivíduos particularmente válidos, dificultam o acesso de obras de merecimento para ceder lugar a *Bobices*, *Pulchineladas\**, e outros *monstros* tão alheios mesmo do baixo cómico, como nocivos aos bons costumes.

Finalmente, concluir-se-á este já cumprido Prefácio, observando que uma inopinada concorrência de circunstâncias sinistras retardou a representação da peça presente. O seu autor a compôs em 15 dias, e a destinava para o benefício de um actor de um dos teatros desta corte, devendo aparecer em cena no primeiro do mês de Fevereiro. Emendando-a agora, segundo os reparos de uma severa censura, oferece-a ao público quanto antes, na suspeita de que outra do mesmo assunto, mas que encontrasse mais benigno acolhimento, poderá aparecer no teatro antes desta. O público lhe perdoará este desabafo de seu amor próprio, que o persuade que não teria que rezear a concorrência; e deplora mais que tudo a pouca fortuna do benemérito beneficiado, que ficou por este acaso consideravelmente prejudicado no meio da sua subsistência.

---

\* Evidente trocadilho com *Pulcinella*, um dos personagens-tipo da *Commedia dell'Arte*.

**PERSONAGENS**

GENERAL MAURIN, Governador intruso dos Algarves.

AJUDANTE DE ORDENS deste, e Emigrado.

JULIETA, sua irmã.

MR. GARRIEL, Capitão de Artilharia francês.

TENENTE FRANCÊS da Legião do Meio-Dia.

PRIMEIRO CAPITÃO de Artilharia português.

SEGUNDO CAPITÃO de Artilharia português.

MINISTRO de Faro.

CHARROCO, habitante de Olhão.

AMARO, habitante de Olhão.

Um MORADOR DE FARO.

MARIANA, irmã de AMARO, e amante de CHARROCO.

FLORINDA, criada de JULIETA.

SOLDADOS PORTUGUESES de Artilharia.

ARTILHEIROS, INFANTES, e um DRAGÃO FRANCÊS.

PAISANOS PORTUGUESES de Olhão e Faro.

*A cena passa-se em Faro, e suas vizinhanças.*

## ACTO I

*O Teatro representa uma Sala de Despachos  
do General Maurin.*

### CENA I

MAURIN só.

Vejamos a Carta de Ofício do Excelentíssimo Senhor Duque de Abrantes.  
(*Abre e lê*):

“General, acha-se a Espanha quase toda insurgida contra as nossas tropas, e o sangue francês já principiou a correr. Juntas Provinciais estabeleceram-se por toda a parte, e este contágio vai lavrando por toda a Península com uma rapidez incalculável. Lançados nas costas ocidentais do continente, e rodeados por um elemento que nos tem sido tão funesto, devemos mais que nunca aumentar a vigilância e as cautelas para que os portugueses não sigam o exemplo dos seus vizinhos; não poupar ouro nem promessas para reduzir ao nosso partido os homens que, por sua representação civil ou militar, possam influir sobre o espírito dos povos; punir em pronta e pública morte os que mostrarem desejos de sacudir o jugo. Finalmente, é necessário espalhar o terror pela província, e introduzi-lo mesmo no seio de todas as famílias: este é o único recurso que nos resta, e que sendo conforme ao espírito e intenções de nosso Amo, o Grande Napoleão, não podemos reear ser por ele arguidos. Viva o nosso Imperador; eu vos salvo. (ass.) Junot”.

(*Depois de reflectir*): Os acontecimentos da Espanha não me são estranhos; há muitos dias que receio que esse contágio atravessasse o Guadiana, que até agora lhe tem servido de única barreira. As circunstâncias em que me vejo são, por extremo, melindrosas e arriscadas: as minhas tropas são poucas para o terreno que é necessário acobertar. Não me é possível, por outro lado, contar com um só português: há seis meses que vivo neste país, e ainda não pude granjear um amigo; pelo contrário, cada vez mais observo no semblante de todos a expressão do ódio concentrado, e, em torno de mim, aquele silêncio sombrio, claro anunciador do mais evidente desprezo. Na verdade, se não encontrara esse emigrado que adoptei para Ajudante de Ordens – o qual, tendo vivido neste país, tinha examinado a fundo os costumes dos seus habitantes – , não sei

que teria sido de mim, não sabendo a língua portuguesa, nem achando um só português que quisesse servir-me de intérprete. Nós outros, franceses modernos, somos obrigados a confessar que se não encontrássemos pelas nações que temos invadido alguns emigrados dos que desampararam a pátria para vir na alheia procurar a fortuna que por sua inaptidão e costumes nem tinham encontrado na antiga, nem poderiam achar na moderna França, não teríamos subjugado metade dos povos que temos agrilhado. Que exemplo mais notável do que o desse Novion, que tendo deixado a França, veio aventureiro procurar fortuna em Portugal. Intitulou-se Conde, deram-lhe as honras desse título; condecoraram-no com a Ordem mais estimada; e pouco depois o fizeram Chefe da Polícia armada, que pela força e poderes que quase sem limites exercia, tinha na sua mão a vida e bens dos lisbonenses. Foi contudo este mesmo homem, que não obstante tantos benefícios, nos comunicou para a França todas as notícias de que precisávamos sobre a situação política de Portugal, e que logo que entrámos veio gostoso unir-se ao nosso partido; e que, finalmente, tem feito serviços a Junot e à nossa causa com um zelo digno dos maiores prémios de Napoleão. O meu Ajudante de Ordens oferece-me um segundo exemplo em nada inferior ao primeiro. Emigrado e acolhido pelo antigo Governo, mal entrei neste país, foi o primeiro que se me apresentou. Deixou, por mim, o benfeitor, e se tivesse querido prestar-lhe ouvidos, teria pago tamanhos favores com a mais negra das perfídias. Estes, pois, são os homens que mais nos interessa ter ao nosso lado, deles nos aproveitamos, em quanto nos podem ser úteis para o plano da sujeição universal da espécie humana\*. Mas ele aí vem...

---

\* Como curiosidade, dever-se-á referir que ainda antes da revolução francesa residia em Faro um emigrante, natural de Milão, que realmente veio a ser ajudante do Corregedor mor Goguet e do General Maurin, aquando da ocupação francesa da região, no final de Fevereiro de 1808 (exercia então a profissão de comerciante). De seu nome Pascoal Turri, tinha exercido o cargo de cônsul francês nessa mesma cidade, onde também casara e fora músico do Regimento de Artilharia n.º 2. Segundo Alberto Iria, em *A Invasão de Junot no Algarve*, obra donde se extrai esta informação (ver páginas 62, 70 e 77), Pascoal Turri foi um dos acérrimos defensores da ideia de se abafar a revolta olhanense com o uso de armas, assim que em Faro se tomou dela conhecimento. Por esse motivo foi insultado pelos populares, juntamente com o Corregedor mor francês, facto que os levará a fugirem, na noite do dia 18 de Junho, em direcção a Loulé. Os dois ainda tentaram voltar a Faro na tarde do dia seguinte, mas os farenses, já com a cidade sublevada, não os deixaram entrar, rechaçando-os a tiro junto a S. João da Venda. Regressaram, assim, novamente para Loulé e daí partiram para Lisboa, para se juntarem a Junot.

É provável que Luís de Sequeira Oliva tivesse ouvido falar desta figura, aproveitando-a e moldando-a para criar o personagem que se apresenta na cena seguinte.

**CENA II**

AJUDANTE *e o mesmo.*

MAURIN

Vindes bem a propósito: agora, mais que nunca, eu e o nosso General em Chefe necessitamos dos vossos bons ofícios. Lede essa carta.

AJUDANTE

É conforme às notícias que tenho colhido, e reina nela o mesmo espírito que me anima. São necessárias medidas do último rigor: há muito tempo que estou convencido que só o sangue do culpado ou inocente indistintamente vertido é capaz de maniatar os povos e lançar-lhe os ferros. A doçura é inimiga do poder; e os conquistadores, por qualquer maneira que o sejam, nunca podem esperar dos conquistados amor nem respeitos: cabe-lhes, em partilhas, o temor e receio, e esses podem só alcançar-se pela destruição e morte.

MAURIN

Quem vos escutasse, não vos conhecendo, poderia talvez pensar que nunca abandonaste a França, e que aprendeste na mesma Escola dos Dominadores do Continente: esses princípios são os que hoje todos professamos, e que folgo de escutar na boca dum emigrado.

AJUDANTE

De que se trata pois, meu General? Que é necessário fazer?

MAURIN

Tomar todas as medidas para que os vassallos do meu Governo não se revoltem; acarear os grandes e punir os pequenos. É necessário, primeiro que tudo, observar de perto os que nos poderiam ser danosos, dirigindo o furor patriótico; e finalmente, os que gozando entre os seus compatriotas da estima

pública, adquirida pelas armas, ou pela toga, possam servir de cabeça aos insurgentes.

AJUDANTE

Descansai, General, sobre mim. Sabeis que há oito anos vivo neste país, não como simples particular, mas junto da autoridade. Conheço todos os habitantes, o seu carácter e capacidade; encobrindo-lhes o coração, tenho fingido chorar com eles o antigo regime; tenho afagado-lhes com rebuço a paixão que os devora, e feito persuadir-lhes que se me alistei debaixo do estandarte francês, foi só para lhes adoçar as penas.

MAURIN

Confio muito nos vossos conhecimentos, e mais que tudo na vossa adesão à causa francesa. Vossos serviços subirão um dia ao trono do Imperador pela boca de Junot.

AJUDANTE

Se me dais licença, vou dar um passeio pela cidade, quero ver se encontro certos portugueses que não perco de vista, e observar-lhes nos discursos a disposição dos seus ânimos; do que souber vos darei parte. Adeus, meu General. (*Sai*).

## CENA III

MAURIN só

Em que terrível posição me vejo! A dez léguas daqui há um povo inteiro jurado morrer pela sua Independência, Príncipe e Religião, e um ódio eterno ao nome francês\*; o dominador dos mares bloqueia os mais pequenos portos do Algarve\*\*; e, finalmente, uma cordilheira de montanhas fecha-me o norte de Portugal. Parece que, de propósito, lançaram-me neste canto do mundo para me perderem! E no meio de tudo isto, Junot escreve-me para que me defenda, sem enviar-me auxílios! Com que meios? Que recursos? Acaso mil e seiscentos homens poderiam defender-se de trezentos mil habitantes? Eis o General que o Imperador manda a uma expedição – de todas as que temos empreendido, a mais arriscada! Mas como não há de assim acontecer, se o mesmo Bonaparte se esqueceu dos preceitos mais simples da guerra, e da mais singela política, a ponto de mandar trinta mil crianças para conquistarem um país de três milhões de habitantes. Pretenderia ele perder-nos? Eu assim o penso. Sua desmedida ambição e inalterável insensibilidade é capaz de sacrificar toda a espécie humana ao mais ligeiro capricho de sua fantasia. Se nós outros, seus emissários, levamos os estragos a remotos climas, também não poucos experimentamos executando suas sanguinárias ordens. A cada passo encaramos o negro aspecto da morte: as maldições dos povos que oprimimos perseguem-nos por toda a parte, e, a cada momento, o grito da miséria pública fere nossos ouvidos. Ah! Se é dado ainda a um francês ser homem, e nutrir no peito sentimentos de humanidade, não sei como o General, o Oficial e o mesmo Soldado possam dormir tranquilos no leito do próprio oprimido, sem que sejam acordados pelo aguilhão do remorso. Portugueses, conheço as vossas desgraças, confesso que somos a causa; mas sou mandado, destinei-me à carreira das armas, não posso abraçar outra; e na alternativa de abandoná-la, prefiro segui-la. Uma vez encarregado deste Governo, hei de continuar a exercê-lo. Serei obrigado, talvez, a lançar mão de meios violentos para conter a tempestade que nos ameaça; em tal caso terei cumprido as ordens desse Junot, que não sendo o executor, parecerá com o seu ar de brandura não lhe ter dado origem, enquanto eu ficarei entre vós com o nome odioso de carniceiro francês. Parece que tudo se acumulou para me atormentar; minha saúde cada vez mais se altera, e o espírito não sossega. Vou repousar um pouco, necessito da solidão. (*Sai*).

---

\* Pela distância referida (10 léguas ≈ 55,72 km), trata-se de uma clara alusão aos motins na Andaluzia, que ameaçavam passar para o lado português.

\*\* Referência aos ingleses, que bloqueavam toda a costa portuguesa.

**CENA IV**

JULIETA e FLORINDA

JULIETA

Viste o meu irmão, Florinda? Que fará ele? Não sei o que me adivinha o coração; todas estas noites tenho tido sonhos espantosos. Florinda, a entrada dos franceses em Portugal não veio perturbar só a felicidade de que gozavam seus tranquilos habitantes, veio também destruir a minha, apesar de ser francesa. Por um lado, meu irmão, seguindo o partido dos intrusos, lançou uma nódoa na conduta da sua vida, e fez participar a família da reprovação pública; por outro, o meu amante, cujo peito abraça o mais ardente patriotismo, tem esfriado no amor que me consagrava. O nome francês tornou-se-lhe odioso, e eu menos cara.

FLORINDA

Sossegai, Senhora: vós não sois francesa, ou pelo menos em nada vos pareceis com esses que hoje nos oprimem; vosso bom coração, e oito anos de uma vida sempre virtuosa, têm-vos atraído a estimação de todos os que vos conhecem; o vosso amante deve pensar como eu.

JULIETA

Mas meu irmão! Circula nele o mesmo sangue; não posso deixar de temer suas desditas, e desejar sua fortuna; sei que entre ele e o meu amante se levantou uma barreira que os separa para sempre. Vê pois qual é a minha situação: por uma parte, o sangue e a gratidão requerem que abrace o partido francês; por outra, o amor e razão que siga o português.

FLORINDA

Deveis seguir o do amante; e toda a reflexão, senhora, em semelhante matéria, é fraqueza, para não dizer outra coisa.

## CENA V

O PRIMEIRO CAPITÃO DE ARTILHARIA PORTUGUÊS *e as mesmas*CAPITÃO (*agitado*)

Bons dias, Mademoiselle Julieta, poderei falar ao senhor Governador?

JULIETA

Vindes, senhor, muito apressado; desconheço as vossas maneiras. É a primeira vez que, não vos informando de mim, me perguntais pelos outros. Ou caso de grande ponderação vos ocupa, ou o meu coração adivinha. Já sei, senhor Capitão, todo o meu crime é ser francesa, e viver entre franceses.

CAPITÃO

É verdade que esse nome me é ingrato ao ouvido; mas, senhora, o meu coração não reconhece tais dissonâncias. São as belas acções e as virtudes, ou os crimes e as feias acções, que lhe causam impressão; mas deixemos de intempestivos discursos, necessito de falar ao Governador, poderei consegui-lo?

JULIETA

Florinda, vai ver se ele pode falar, faz todas as diligências para que venha. (*Vai-se Florinda*). Agora que estamos sós, quero descobrir-vos o coração, e comunicar-vos todos os tormentos que o dilaceram. Deveis conhecer que forçadamente vim para a companhia de meu irmão; nunca aprovei a sua conduta, e muitas vezes me opus aos seus projectos, e confesso-vos que não viria para Faro se não habitásseis nesta cidade. Conheci por uma vez a pureza de meus sentimentos, e fiz justiça ao meu amor; sejam quaisquer que forem as opiniões vossas, e do meu irmão, espero que nada possa alterar os nossos afectos. Sou portuguesa por gratidão, sentimentos e amor; e de francesa apenas conservo o nascimento e nome. Tenho contudo um irmão, a quem uma cegueira fatal tem desviado da verdadeira estrada da honra. Rogo-vos, pelo amor que nos une, que o livres das garras da morte, no caso de alguma revolução.

## CAPITÃO

Esperai tudo de mim: sou verdadeiro português, e para sustentar esta reputação sacrificaria o próprio amor que vos tenho. Faço justiça aos vossos sentimentos, e saberei livrar vossa família de todos os males que possam ameaçá-la. Porém, querida Julieta, todo o tempo que dou ao amor, é um roubo que faço à pátria: perdoai. Necesito falar ao General, e a sua demora inquieta-me; em tempos mais ditosos falaremos do nosso amor, e estes, o coração me diz que não estão muito longe de nós... Mas o Governador aí vem...

JULIETA (*saindo*)

Adeus, lembrai-vos de mim, e do que vos disse.

CAPITÃO

Adeus, querida Julieta.

## CENA VI

MAURIN *e o* CAPITÃO

MAURIN

Senhor Capitão, que negócio vos conduz à minha casa? Deve ser de bastante ponderação, pois que me procura o prazer de vos falar, honra que raras vezes me concedeis.

CAPITÃO

Rogo-vos, General, que me escuteis sem testemunhas; o negócio de que venho tratar pede toda a atenção.

MAURIN

Podeis falar livremente, ninguém vos escutará, e com prazer vos ouvirei.

CAPITÃO

Venho, senhor, falar-vos pela primeira, e bem pode ser a última vez, em nome da pátria e de trezentos mil habitantes que governais; é uma dívida que lhe devia, é já tempo de lha pagar. Escutai, serei modesto; dir-vos-ei, sim, verdades terríveis, mas não vos insultarei. Reputo-vos de homem, e esse título basta-me para vos tratar com a dignidade devida à nossa espécie. Fala-vos um português, e a minha nação, em tudo generosa, nunca conheceu ditérios, é nobre até no sofrimento; sendo agora seu órgão, não desmentirei aquele carácter. Escutai pois: aquele a que chamais vosso Amo enviou-vos a Portugal para nos proteger\*, e que desgraça era a nossa para merecermos a sua compaixão? Que súplicas lhe fizemos nós para querer beneficiar-nos? Quem o instalou a ele tutor da espécie humana? Que direito tem ele sobre os demais homens? É mais velho do que todos?! Concedeu-lhe a Natureza atributos, que negasse aos demais?! Ou é a sua onnipotente ambição firmada sobre quinhentas mil baionetas, que lhe dá esta primazia?! Acaso ignora o tirano que

---

\* Vários dos editais e das proclamações de Junot publicadas em Portugal anunciavam que os franceses vinham proteger os portugueses dos ingleses.

a força pode subjugar as acções do homem, mas nunca o espírito e a vontade? Que a força pode exigir submissões, mas nunca amor e respeito? E que finalmente chega um tempo em que a opinião pública faz cair da mão do mesmo Soldado a própria baioneta?!

MAURIN

Senhor Capitão, estranho o vosso discurso! A que propósito vem essa ousada declamação?

CAPITÃO

Escutai: ainda não acabei. Foi Portugal invadido. Não se respeitaram os direitos sagrados do meu Príncipe, nem se consultou a vontade da nação! Pergunto agora se vós mesmo não vos envergonhais de serdes um dos emissários, vós que não há dezanove anos promulgastes com os vossos compatriotas à face dos céus e da terra os *Direitos do Homem* no campo de Marte?! General, a nação que tal praticou, e que consente depois que as suas coortes vão na alheia pátria atropelar os direitos mais sagrados, desmentindo assim quanto ela publicou, merece o desprezo de todos; e que tenha à testa o ignóbil habitante daquela ilha, a cujos insulares os romanos negaram os direitos de cidadão\*.

MAURIN

Senhor Capitão, moderai os vossos transportes\*\*, lembrai-vos que insultais a França, e principalmente o meu Imperador, e que eu sendo General francês não devo sofrer semelhante ousadia...

CAPITÃO

Escutai, ainda não acabei: se tivesse a tratar convosco um negócio próprio, usaria de outros termos, calaria muitas expressões; mas eu falo pela boca da nação, é forçoso tomar o tom que lhe convém; esta nada receia, quando publica verdades; eu não devo temer vossa presença, quando a represento. Mas deixemos de discursos sobre objectos que, melhor do que eu, conheceis; devo declarar-vos qual é o motivo da minha missão. Achai-vos Governador dos

---

\* Alusão a Napoleão (natural da ilha de Córsega).

\*\* *Transporte*, aqui, tem o sentido de *perturbação, exaltação, sair fora de si*.

Algarves; temo-nos prestado a todos os sacrifícios que o nosso Príncipe nos recomendou, quando saudoso se apartou de seus fiéis vassalos. Porque motivo somos nós continuamente vexados? Que plausível razão assiste a cada Oficial do vosso exército para exigir de nós, além de uma hospitalidade excessiva, contribuições forçadas em cada vila onde exercem algum comando? Finalmente, que lei ou costume autoriza a barbaridade das vossas tropas, que desenfreadamente atropelam todos os dias os direitos mais sagrados do homem? Roubos, violações, assassínios: eis o que eles cometem diariamente. Desejo saber, General - nem o coração me permite existir por mais tempo neste estado de dúvida - reputais vós como escravos os portugueses, ou os julgais ainda homens? Como contemplais vós os habitantes do Algarve? Dizei.

MAURIN

A paixão vos domina; não devo fazer caso de vossos transportes. Aconselho-vos, contudo, que passeis avante. Devo punir todo o que se mostrar descontente do actual estado das coisas. Junot me puniria, se tal não fizesse; é necessário sujeitar-se por força, ou livremente, à vontade do nosso Imperador. Eu mesmo faço outro tanto.

CAPITÃO

Sois francês e basta. Quem não se atreveu a contrariar Bonaparte na França, seria cobarde, se viesse ao Algarve para não lhe obedecer. Deveis ser coerente; esse é o carácter que vos convém. Eu, porém, sou português, e outro que não tenha esse nome, não virá ditar-me leis. Necessito de pronta resposta ao que vos propus; nem daqui sairei sem primeiro alcançar uma ordem vossa, para que sejam punidos exemplarmente todos os franceses que molestarem os povos. Esta é a voz da pátria, e são os sentimentos de todos os meus compatriotas. Se tal não fazeis, temei o exemplo dos nossos vizinhos: estes já principiaram a sacudir o jugo. Os portugueses não são menos valorosos, nem desejam menos a sua liberdade. Creio que me tenho explicado...

MAURIN

(Porquanto em outro tempo um General francês, e principalmente eu, consentiria semelhante ousadia? Mas agora é forçoso temporizar, e muito principalmente com aqueles que nos podem fazer todo o mal, e nenhum bem). Torno a repetir-vos, perdoo os vossos transportes; e só vos acuso de não me tratardes com mais amizade. Reconheço que as minhas tropas alguns excessos



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

terão cometido, mas isso é inevitável nos exércitos. Darei ordens restritas para atalhar qualquer excesso; e rogo-vos que tenhais maior confiança na minha pessoa, e melhor ideia do carácter francês.

**CENA VII**

AJUDANTE *e os mesmos*

AJUDANTE (*Inquieto e olhando sempre durante toda a cena para o Capitão*)

Meu General, cumpri as vossas ordens, falei com as pessoas que vos disse... Tenho algumas coisas interessantes a participar-vos... Sabereis que... Mas, Senhor, eu vos contarei tudo em particular.

CAPITÃO

Concluí o negócio que me conduzia aqui, não vos quero ser importuno. Senhor General: o dito, dito. (Este emigrado hipócrita, homem de duas caras, é-me ainda mais insuportável que os mesmos franceses que nos oprimem).

MAURIN

O senhor Capitão pode ficar, talvez a sua presença nos seja necessária. Senhor Ajudante, conte o que sabe. O senhor Capitão merece toda a minha confiança.

AJUDANTE

Sabei, meu General, que a rebelião já se estende até aos Algarves!

MAURIN (*Inquieto*)

É possível! Oh raiva! Onde é que nasceu essa hidra?

AJUDANTE

Não muito longe de nós, e brevemente se estenderá até esta cidade.

MAURIN

Onde? Acabai, satisfazei minha inquietação.

AJUDANTE

Em Olhão.

MAURIN

Como?! Numa povoação de pobres pescadores?! Acostumados à miséria, escravos por natureza?! Não posso acreditá-lo...

AJUDANTE

Não há dúvida: hoje ao meio-dia principiou.

MAURIN

Conhece-se o cabeça?

AJUDANTE

Todos dizem que fora um Oficial português\*.

MAURIN

Traidor! Pagará com a cabeça tamanha ousadia. E como contam que principiara?

AJUDANTE

Dizem que, saindo da missa, e vendo pregado na porta da Igreja o Edital do Excelentíssimo Senhor Junot, em que convidava os portugueses a pegarem nas armas para se unirem aos bravos de Marengo, e aprenderem com eles a vencer, arrancando o Edital exclamara diante do povo, que saía da Igreja: *Os pérfidos quererem ensinar-nos a vencer! Já não há portugueses; ou se os há, unam-se a*

---

\* Primeira alusão velada ao Coronel José Lopes de Sousa.

*mim para mostrarmos aos cobardes como se vence. Que todos gritaram: Somos portugueses, e queremos morrer ou vencer. Assim electrizados, marcharam a buscar as peças de artilharia do Forte vizinho, e aprisionaram os franceses. E acha-se Olhão fortificado, e em verdadeira insurreição.*

MAURIN

Marchem de repente tropas a subjugá-los, seja arrasada e saqueada: é necessário dar um terrível exemplo, para que as demais povoações não façam outro tanto.

CAPITÃO

Que vos dizia eu há pouco? O que o meu coração sentia, experimentava o de todos ao mesmo tempo. Vede como principia a manifestar-se...

MAURIN

Vós mesmo principais a ser-me suspeito; quem sabe se estais de inteligência com os rebeldes?!

CAPITÃO

Conheceis pouco os portugueses: se tal fosse, não estaria aqui, e toda a explicação convosco seria lá no campo da batalha com a espada na mão.

MAURIN

Senhor Ajudante, mande chamar depressa o Capitão francês, Comandante da Artilharia.

AJUDANTE

Vou cumprir as vossas ordens.

## CENA VIII

MAURIN e o CAPITÃO PORTUGUÊS

MAURIN

Eis, enfim, acontecido o que há bastante tempo receava: a maldita influência inglesa cedo ou tarde havia de produzir os seus costumados efeitos. Maldita nação! Quando deixarás tu de contrariar os nossos planos?

CAPITÃO

Ignoro, senhor General, por que lógica a maior parte dos franceses discorrem como vós; e que queirais por força que os povos não tenham estímulos de honra, patriotismo e sentimentos próprios, e que sejam, em última análise, puras máquinas, movidas por uma mão estranha! Se uma nação a quem pretendes despojar parte dos seus Estados vos declara guerra, gritais logo – ou o vosso Imperador – contra a pérfida Inglaterra, que comprou os gabinetes e alucinou o monarca. Se entrando noutra potência debaixo da santa fé de amizade e tratados, vos apoderais, pela maior das perfídias, do governo e das sagradas pessoas que reinavam, e querem depois os povos vingar-se, gritais logo nas quatro partes do mundo pelos vossos monitores\* e discursos ministras, contra a sempre pérfida Inglaterra, que com o seu ouro assoprou de novo a discórdia no continente. De sorte que, para cometer atrocidades e os mais horrendos crimes, ninguém vos aconselha; e quem acharíeis vós, fora de vós mesmos, que tal fizesse? Para destruir, porém, vossas maquinações, julgais que todos os povos são pupilos, e de tal sorte escravos, que só a Inglaterra os possa aconselhar? Meu General, para que me cansarei em dizer-vos o que também – ou melhor do que eu – conheceis?

MAURIN

(É necessário contemporizar com este homem, único que conheço em Faro, capaz de guiar qualquer empresa contra nós, e se já não posso corrompê-lo, ao menos deverei adoçá-lo). (*Alto*): Nas actuais circunstâncias, senhor Capitão, podeis ser muito útil a nós, e aos vossos, fazendo com que os povos entrem nos seus deveres; e que não me veja na dura necessidade de fazer correr

---

\* Referência ao principal órgão oficial de propaganda francesa, o jornal parisiense *Moniteur*.

o sangue dos vossos compatriotas. Além de que vós sois Artilheiro, e necessito de vosso auxílio para cobrires a retaguarda das tropas que brevemente mandarei sobre Olhão.

CAPITÃO

Sou sincero, sou português: não irei pelas ruas ou praças públicas pregar aos meus compatriotas a revolta, mas espreitarei a opinião pública; e quando esta se declarar contra vós, serei o primeiro a unir-me à causa da minha pátria. Quem vos fala assim, não é bom para semelhante expedição.

MAURIN

É de absoluta necessidade que a Artilharia portuguesa cubra a retaguarda desta expedição. Rogo-vos que vos encarregueis das minhas ordens: ninguém por ora aqui governa se não eu, exijo pronta obediência.

CAPITÃO

Vede primeiro, Senhor, se outro se encarrega dessa comissão; faltam-me o génio e os talentos. São, numa palavra, expedições francesas; e eu não fui à escola dos de Marengo!!! (*Entra o Ajudante*). Adeus, senhor General, aí tendes o senhor Ajudante, que me conhece muito bem, e que não me deixará mentir. Ele vos designará igualmente a pessoa que deverá substituir-me. (Querida pátria, creio que está chegando o momento de quebrar teus ferros, corramos onde a Providência nos chama).

## CENA IX

AJUDANTE, CAPITÃO FRANCÊS e MAURIN

CAPITÃO FRANCÊS

Que ordenais, meu General?

MAURIN

É necessário, quanto antes, marchar com todas as tropas de Artilharia e Infantaria sobre Olhão, para exterminar os revoltados.

AJUDANTE

Se prontamente não corre o sangue, vereis todos os Algarves em breve sublevados. É necessário levar a essa corja de pescadores os estragos e a morte; e eu vos prometo os mais saudáveis efeitos. Conheço os algarvenses\*, em eles vendo casas saqueadas e abrasadas, mortos os pais, esposas e filhos, vereis que submissos de toda a parte virão implorar vossa clemência.

CAPITÃO FRANCÊS

Perdoai, se não sou da mesma opinião, se esse sistema tem provado bem. Se Loison\*\* atesta dele maravilhas e se eu mesmo, quando tive na Suíça, e ultimamente em Ragusa, o vi coroar dos mais belos sucessos, os últimos acontecimentos de Madrid e Saragoça provam, pelo contrário, que na Península semelhantes tratamentos servem só de exasperar mais os povos. Cada nação tem o seu carácter: o *Sufrimento*, *Constância* e *Valor* parece ser o dos habitantes do Ebro, Tejo e Douro. O meu voto, pois, é que usemos de meios brandos e doces. De resto, as nossas tropas são poucas; os auxílios que poderíamos haver,

---

\* *Algarvenses* é sinónimo de *algarvios*. Por ambos os termos surgirem no texto, mantivemos os dois, conforme o original.

\*\* Referência ao General Louis Henri Loison, mais conhecido em Portugal pela alcunha de *Maneta*, por realmente lhe faltar um braço. Da (má) fama da crueldade deste General, que condenou vários portugueses à morte, veio a expressão *ir pró Maneta* (i.e., *morrer*).

muito distantes de nós; e, finalmente, aqui para nós em segredo, eu temo muito e muito um desembarque inglês.

AJUDANTE

Se dais a conhecer vossa fraqueza, vereis tudo sublevado. As tropas não são tão poucas como dizeis, e podem-se multiplicar sem novos reforços.

CAPITÃO FRANCÊS

Como? Essa é nova para mim!

AJUDANTE

Imitando o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Duque de Abrantes, que mandava sair de noite os soldados para fora de Lisboa, e os fazia entrar pela manhã, para fingir que eram novas tropas, que chegavam de refresco.

CAPITÃO FRANCÊS

Essa *táctica* já não chega a tempo; porque as que saíssem agora, não tornariam a entrar. Finalmente, o senhor General é quem manda, e a nós cumpre-nos obedecer.

MAURIN

Na crise actual é melhor mostrar fraqueza do que ousadia; antes quero salvar a vida, do que arriscá-la sem fruto. Marchai pois, Capitão, fazei vir à fala alguns dos habitantes sublevados, propondo-lhes condições de paz; e se não quiserem por bem arranjar-se, então marchai sobre a vila\*, arrasai-a, se preciso for. E vós, meu Ajudante, mandai chamar um magistrado de Faro: quero que seja da expedição, para o que preciso falar-lhe antes.

---

\* Talvez querendo dignificar Olhão, Luís de Sequeira Oliva nomeia, aqui pela primeira vez, o lugar como já sendo vila. De facto, tal elevação será posterior ao episódio aqui dramatizado (mais especificamente através de um Alvará Régio datado de 15 de Novembro de 1808).

## CAPITÃO FRANCÊS

Senhor, temo que marchando as tropas para fora da cidade, esta igualmente se subleve; e quem me guardará as costas?

## MAURIN

Senhor Ajudante, lavrai uma ordem para que o segundo Capitão da Artilharia portuguesa se poste com a sua gente nas alturas da cidade, e que tenha aqui a Artilharia assestada contra esta.

## AJUDANTE

Vou executar as vossas ordens.

## CAPITÃO FRANCÊS

Vou aprontar a minha gente, e cumprir o que me tendes ordenado. (*Saem ambos*).

## CENA X

MAURIN e FLORINDA

MAURIN

Creio que são horas de tomar o remédio, que é impossível que me possa fazer bem: tal é o desarranjo em que tenho toda a máquina! (*Toca a campainha*). Ninguém aparece. (*Torna a tocar*). É forte desgraça; quando chamo, ninguém vem; e quando chegam, todos voltam costas de repente!

FLORINDA

Que quer o Senhor Monsieur Governador?

MAURIN

O meu remédio.

FLORINDA

(O que me vale é que o tal francinote agalocado é *estuporado*, se não já tinha feito *vispure*\*. Mesmo assim, não sei o que lhe falo, que quando estou só com ele, sempre sinto suores frios; que seria se o tal menino tivesse boas digestões; creio que me dariam acidentes\*\*).

MAURIN

Que demoras são essas? *Allons, allons, vite, Florinda*\*\*\*.

---

\* Segundo António Paula Brito, *vispure* virá de *vis pure*, ou seja, parafuso puro, o que no contexto significaria *sair rodopiando*.

\*\* O termo *acidentes* terá aqui o sentido de “desmaios”, definição esta apurada no *Dicionário da Língua Portuguesa* de Bernardo de Lima (1783).

\*\*\* Tradução: *Vamos, vamos, depressa*.

## FLORINDA

Ainda não tenho vinte, senhor General. (A culpa é do senhor boticário, bem pudera ele livrar-me destas passadas, dando-lhe certa dose de uma coisa, que eu cá sei, com que o adormecesse por uma vez). (*Sai*).

## MAURIN

Doente, ameaçado de uma insurreição; a perspectiva não é feia! Ah! senhor Imperador, tomara vê-lo nestes lances; mete-nos de dentro, e fica de fora muito descansado! Se escapo desta, noutra não me meto. O tal senhor Napoleão, se achasse todos os Generais com os meus sentimentos, em lugar de *omnipotente*, seria brevemente o homem mais impotente da terra... Aquele Capitão português, creio que não a fará limpa; porém, eu não me atrevo a proceder contra ele. Semelhante atentado seria o sinal de outra revolta em Faro; basta-me a de Olhão... Seja o que for, alma grande; se a minha sorte for a de ficar prisioneiro, não será ainda tão má. Junot talvez a julgue deslustrosa para as armas francesas; mas ou eu vejo pouco, ou ele não está longe de lhe acontecer outro tanto; e então quando ele for meu colega, eu me justificarei.

FLORINDA (*Trazendo o remédio*)

Aqui tem, Senhor, o seu remédio. (*Bebe*). (Está forte a história, quanto mais me aproximo para esta gente dos *futres*<sup>\*</sup>, mais o meu coração se desvia deles, e cresce na mesma razão a gana de os esganar; e isto nasce cá de dentro, livremente, sem me esforçar. Eu creio que eles não são homens como os outros homens que tenho até aqui conhecido; porque se o fossem, a minha natureza havia de puxar-me para eles, em lugar de lhes fugir como o azeite foge da água).

---

\* Segundo dicionários da época em que esta obra foi escrita, o termo *futre* tanto podia significar *forasteiro* como *fornicador*. Parece que a raiz da palavra vem do verbo latino *futuere*, isto é, fornicar (no sentido de penetrar), enquanto que outras hipóteses sustentam que vem do francês *foutrer* (embora este também deva derivar do latim), verbo que tem o significado de *pôr, meter, cravar, fornicar*. Daí a expressão francesa *va te faire foutre*, que escusamos de traduzir. Da mesma família destes termos será o verbo português *futricar* (trapacear, estragar, mexericar). Actualmente, *futre* tem, em português, o significado de *bandalho, homem desprezível, farroupilha, sovina* (possivelmente por influência do termo francês *foutriquet*, isto é, *pessoa mesquinha, insignificante*).

MAURIN

Está bom, Florinda. Tu és uma bela enfermeira; e tenho pena de ser doente, porque te havia de dar um emprego mais digno da tua amabilidade. Contudo, os remédios vão obrando, e cada vez me sinto com mais alentos.

FLORINDA

Pois ainda não produzem o efeito que eu quisera: tomara ver-vos em estado de não tornardes a adoecer.

MAURIN

Muito obrigado, Florinda; creio que és a única criatura entre os portugueses que tal me desejas. Os demais tomaram eles ver-me na sepultura.

FLORINDA

Olhem como as coisas são. E eu julgava que o boticário era o vosso maior amigo.

MAURIN

Então porquê?

FLORINDA (*Vai-se afastando insensivelmente*)

Porque há muito tempo que pudera ter-vos curado radicalmente.

MAURIN

De que modo?

FLORINDA

Cortando-vos pela raiz a vossa doença.

MAURIN

Ainda não entendo.

FLORINDA

Mandando-vos todo inteiro para o cemitério. (É o que eu digo, sem me sentir, cada vez mais me afasto dele, os tais *Monsieurs* não são homens).

MAURIN

E vós desejáveis tal, Florinda?

FLORINDA

Quem? Eu cá, nada! Mas como nessa noite estou certa que toda a cidade punha luminárias, por concomitância, e para que não dissessem que era *jacobina*, também havia de pôr as minhas. Adeus, senhor General, tenho que fazer lá dentro. (*Vai-se*).

## CENA XI

MINISTRO, MAURIN e AJUDANTE

MINISTRO

Senhor General, desejo as vossas melhoras, e venho saber: que pretendeis?

MAURIN

Tenho necessidade do vosso ministério para fazer entrar na ordem essa povoação de miseráveis pescadores que se revoltou. Quero mostrar-lhes que sei perdoar, quando os culpados sabem arrepender-se. Desejo portanto que acompanheis o Oficial francês encarregado dessa expedição. Espero de vossas luzes e interesse que deveis ter em conservar o vosso emprego, que interponhais todos os vossos bons ofícios e autoridade para o bom êxito dessa empresa.

MINISTRO

Estou pronto para executar todas as ordens que couberem dentro da esfera do meu ministério; porém, senhor, a missão de pregar aos povos obediência ao governo francês não entra no regimento da nossa ordenação do reino. Rogo-vos que me queirais dispensar de semelhante empresa.

MAURIN

Que outro me desse semelhante resposta, não a estranharia; porém vós que sois iluminado, que professais princípios liberais, tenho toda a razão de me admirar! Acaso ignorais que, brevemente, o Código Napoleão será adoptado em Portugal? E que se o não tem sido até agora, é por estarmos à espera do legítimo soberano? E que, finalmente, já não é em nome do Príncipe que vos abandonou, mas sim do Grande Napoleão, que vós administrais a justiça?!

MINISTRO

É justamente porque possuo alguns conhecimentos, que não reconheço senão a minha ordenação; dentro dela pedi por boca, fora dela aí tendes a corregedoria, dai-a a alguns desses precusores do Código Napoleão. Das montanhas de Monchique para cá, faz-se ainda a justiça à portuguesa, vai-se à missa à portuguesa, comem-se guisados portugueses, e todos falam português, como eu vos falo. Se assim não vos sirvo, mandai vir de França alguns jurisperitos, e assentai-os no meu lugar, que eu com grande satisfação lho cederei.

AJUDANTE

O senhor não observa que o nosso General assim como roga, pode brevemente mandar.

MINISTRO

Quando ele o fizer, sei o que devo responder-lhe. Não necessito de Ajudantes; sei que a sua profissão é de o ser em todos os partidos.

AJUDANTE

Entendo o sarcasmo, e a resposta eu lha dera, se não estivesse diante do meu General.

MINISTRO

Estimo que me entenda; e acerca da resposta, teremos tempo de falar.

MAURIN

Senhor ministro, é forçoso que acompanhe o meu Oficial para lhe servir de intérprete: assim o ordeno. Já deveria saber que quando um General francês roga, é porque pretende ser obedecido.

MINISTRO

Torno a repetir-vos: das montanhas para cá, nunca foi esse o costume; temos até aqui ignorado os estilos franceses; pode bem ser que o tempo no-los faça conhecer; e então eu e os outros seremos mais exactos nas respostas. Contudo, antes de partir, quisera que me dissésseis o que devo fazer.

MAURIN

O meu Oficial vo-lo dirá.

MINISTRO

Adeus, senhor General. Adeus, senhor Ajudante: não se esqueça da resposta. (*Sai*).

## CENA XII

MAURIN e o AJUDANTE

MAURIN

Tudo se conspira contra nós, nem um só português encontramos que queira seguir o nosso partido! Não sei se outro tanto acontece aos meus colegas; mas se eles não têm melhor perspectiva, não dou nada pela nossa existência em Portugal.

AJUDANTE

Sossegai, bani receios mal fundados, e desterrai para sempre essas negras ideias que provêm mais da vossa doença do que da realidade das coisas. Nós temos mil e seiscentos homens de boas e aguerridas tropas; os povos estão inermes, não têm cabeças; o terror das armas francesas tem-se apossado, por toda a parte, dos espíritos; também aqui tem chegado as pomposas descrições militares de vossas vitórias. Portanto, não temais a miserável sublevação de uma pobre aldeia de pescadores. Já vos tenho, meu General, repetido infinitas vezes que não tenho vivido nestes lugares sem ter analisado a fundo o carácter de seus habitantes.

MAURIN

A prudência do bom General consiste em nunca confiar demasiado nas próprias forças, nem em contar por poucas as dos inimigos. Além de que apenas falais de Olhão, e quem vos diz que as demais não fazem outro tanto? E que aquela pequena irrupção é já o princípio do Vesúvio que deve brevemente *vulcanizar* todo o País. Finalmente o meu partido está tomado: vou cuidar em mandar fazer a mala, e pôr-me a coberto de toda a tormenta.

AJUDANTE

Que dizeis, senhor? Estais brincando. Um General feito por Napoleão pode discorrer seriamente dessa maneira? Dou-vos a palavra de francês em como nada acontecerá. Eu mesmo quero ser da expedição: vereis que

voltaremos depois de deixarmos reduzida a cinzas essa povoação, e feito entrar no nada essa corja de pescadores.

MAURIN

Não consinto, não posso ficar só: sois-me necessário como de barómetro para me marcades, quando o tempo torna à tormenta; porque como vos disse quero pôr-me a salvo. Sou doente, sim, mas ainda gosto de viver.

AJUDANTE

Não serei da expedição, já se assim o exigis; porém tenho somente a observar-vos que o Capitão de Artilharia português que se encarregou de cobrir a retaguarda francesa fez todos os esforços para se escusar: indício certo de que aceitou o comando contra vontade; e que, por conseguinte, pode a cautela que eu vá pelo menos observar se ele se posta no sítio que lhe ordenei.

MAURIN

Lembraís bem, é justo, ide; mas rogo-vos que não vos demoreis: sois o meu barómetro.

## ACTO II

*O Teatro representa a habitação do primeiro  
Capitão português*

### CENA I

*O primeiro CAPITÃO português*

#### CAPITÃO

Santo amor da pátria, quanto podes no coração dos humanos! Tu foste quem abraçou o peito dos Temístocles\*, Leonidas\*\*, Fábios\*\*\*, Cipiões\*\*\*\*, e de tantos heróis portugueses de quem temos a glória de descender. Infelizes aqueles que teu ardente fogo não devora: semelhantes a essas plantas exóticas a quem o solo recusa a vegetação, vós viveis entre nós sem gozar da doce influência do clima da pátria. Querida pátria, há quase sete meses que gemes entre os ferros: é tempo de correr às armas para libertar-te.

Os pérfidos opressores indicam-nos o caminho, e a sua cobardia nos assegura a vitória. Em Faro apenas ficaram alguns guardas, eles mesmos armaram os nossos para os combatermos. E qual será o Oficial ou o Soldado português que não se preste voluntário para salvar a pátria?! Corramos a sondar o espírito dos habitantes desta cidade; o momento é precioso, e os ânimos acham-se dispostos. (*Ouvem-se vozes confusas, que dizem: Morram os franceses: Viva o nosso PRÍNCIPE REGENTE*). Mas que escuto?! Não me engano, lá ouço dizer na rua: “Morram os franceses”. Lá dizem: “Viva o PRÍNCIPE REGENTE”. Não há dúvida, é a voz da pátria que chama os seus filhos. Voemos a salvá-la ou a morrer. (*Pega na espada e sai precipitadamente, e encontra Julieta e Florinda*).

---

\* Político e general ateniense que se notabilizou por ter derrotado os persas na Batalha de Salamida, em 480 a.C.

\*\* Rei e general de Esparta. Em 481 a.C., aquando duma invasão persa, morreu chefiando um batalhão de apenas 300 espartanos, que supostamente mataram 20 mil persas.

\*\*\* Fabius Maximus, político e militar romano, chamado Cunctator (o que atrasa), pela sua táctica defensiva contra as tropas de Aníbal que invadiram a Itália, na Segunda Guerra Púnica.

\*\*\*\* Cipião o Velho foi um general e político romano que derrotou Aníbal, alcançando por isso a alcunha de o Africano.

**CENA II**

JULIETA, FLORINDA, *e o mesmo*

CAPITÃO

Que acontecimento imprevisto vos conduz à minha habitação, querida Julieta?

JULIETA

Procuro salvar a vida onde mora a virtude! Venho implorar a protecção do meu amante.

CAPITÃO

Quem vos persegue, dizei?

JULIETA

Tumultos populares se encaminhavam para a porta do Governador. Temi que confundida com o crime fosse punida como culpada.

CAPITÃO

Logo, é verdade que os habitantes de Faro se levantam em massa para expulsar o inimigo?

FLORINDA

É mais que certo! Não se ouve dizer em todas as bocas senão: “Viva o PRÍNCIPE REGENTE, morram os franceses”. E é tanta a gente já pelas ruas, que não sei como aqui chegámos sem sermos apercebidas.

CAPITÃO

Nada receeis, querida Julieta: confio muito na generosidade dos meus compatriotas; estou certo que não vos confundirão com os nossos opressores. Recolhei-vos à vossa casa; a pátria me chama, estão em primeiro lugar os deveres de cidadão, do que os do amante.

JULIETA

E pretendeis que volte para casa? Consultastes porventura o coração para tal me aconselhardes?

CAPITÃO

É a razão que me dita este procedimento. Desejareis vós que o vosso amante até aqui reputado pelos seus concidadãos como verdadeiro patriota, fosse agora considerado como traidor?

JULIETA

Tal não quisera à custa da própria reputação e vida.

CAPITÃO

Pois bem, escolhei: se ficais, o povo, que nos transportes do seu furor não consulta a razão mas sim o ressentimento, sabendo que vos acolhi em minha casa, me suspeitará de partidista francês; se vos ides, o vosso amante, puro como o astro do dia, será para este mesmo povo o seu herói, e então poderá fazer-lhe escutar a verdade.

JULIETA

Sim, irei para casa. O meu amante assim o exige, e ele não seria digno de mim, se não nutrisse no peito tão nobres sentimentos.



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

CAPITÃO

Seguir-vos-ei de perto para vos livrar, se necessário for, de todo e qualquer insulto.

JULIETA

Vamos. (*Vão-se*).

## CENA III

*O Teatro representa um campo*

CAPITÃO e TENENTE *franceses, comandando as tropas*

CAPITÃO

Valorosos Soldados franceses, anunciar-vos um combate é publicar uma vitória! Os vencedores da Europa não vieram a Portugal para fazer numa triste apatia, e muito menos para murcharem seus louros. O nosso General me ordena que vos guie ao campo da glória. Marcharemos contra aquela miserável povoação que além vedes, cujos habitantes ousaram desconhecer o irresistível poder das nossas baionetas e a onnipotência do nosso Imperador. Era com a morte que deveriam pagar tamanha afronta; mas a bondade do nosso General é tão grande que me ordena que haja de usar primeiro com eles de meios brandos; e que no caso de não quererem entrar na ordem, ponha à vossa disposição a vida e bens de seus habitantes: podereis então saquear, metralhar, fuzilar e violar à vossa vontade.

SOLDADOS

*(Mostrando-se descontentes). Point de grace\**

TENENTE

Perdoai que vos observe, Capitão, em nome dos Soldados da Legião do Meio-Dia, que a bondade do General é contrária às nossas leis militares: estas nos ordenam, com penas rigorosas, de existirmos sempre em estado de perfeita guerra fora da França, e muito mais quando os povos se revoltam. O caso de Olhão é caso de saque, que se acha bem expresso no Código Militar no § 2, Capítulo 5, do Título dos *Direitos do saque, sua duração, e maneira de partilhas*. Contra as leis de Napoleão não podem Generais: requiero portanto a plena execução do dito §.

---

\* Tradução: *Sem indulto (ou seja, nada de misericórdia)*.

## CAPITÃO

Toda a lei sofre excepções, e deve interpretar-se segundo o espírito do legislador. Tranquilizai-vos, que se o mesmo nosso Imperador aqui estivesse, daria as mesmas ordens. De resto, o saque sempre está caído; porque se a povoação se sujeita por bem, uma contribuição forçada nos fornecerá o seu produto em espécie. Se, pelo contrário, se recusa, iremos recebê-lo em género: com que, de toda a sorte o § *dos Saques* terá o seu inteiro complemento. Eu, não menos do que vós, tenho interesse em que se administre a justiça militar conforme o espírito de Napoleão.

## SOLDADOS

*Allons saccager; saque, saque, toujours saque\**.

## CAPITÃO

Sossegai: cada um de vós tem seguros sobre minha cabeça, por esta expedição, três Napoleões de ouro.

## SOLDADOS

*Allons, marchons á la gloire, vive l'argent\*\**.

## CAPITÃO

*Vive l'Empereur\*\*\**.

## SOLDADOS

*Vive l'argent, et l'Empereur\*\*\*\**.

---

\* Tradução: *Saqueemos; saquear, saquear, sempre saquear.*

\*\* Tradução: *Vamos, marchemos à glória, viva a prata [ou o dinheiro].*

\*\*\* Tradução: *Viva o Imperador.*

\*\*\*\* Tradução: *Viva a prata [ou o dinheiro], e o Imperador.*



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

## CAPITÃO

*Armes en repos, marche\*\*\*\*. (Vão-se).*

---

\*\*\*\* Tradução: *Armas em repouso, marcha.*

**CENA IV**

*O segundo CAPITÃO de Artilharia português com as tropas,  
que fazem gestos de não estarem contentes*

## CAPITÃO

Alto! Eis-nos chegado ao sítio em que nos devemos postar. Não é necessário com perguntas sondar os vossos corações: assaz leio no semblante de cada qual quanto se passa dentro de sua alma. Soldados portugueses, fazei justiça ao vosso Comandante: foi a tirania que me nomeou, e a força quem me arrancou do quartel para vos comandar. Para longe a negra suspeita de que vos conduzo para serdes algozes dos nossos concidadãos: aquele que primeiro me escutar a voz de lhes fazer fogo, volte a peça contra mim; deixei de ser português nesse momento, e mereço a morte.

**CENA V**

AJUDANTE *e os mesmos*

AJUDANTE (*Apressado*)

Capitão, que fazeis? Porque não mandais assestar a artilharia contra a cidade? Toda a demora é um delito, por ser contrária às ordens que vos dei.

CAPITÃO

Ainda não posso acreditá-lo! Pois deveras, senhor Ajudante, é de Faro que temeis os inimigos? E mandais que eu e os meus Soldados se armem contra eles?! É possível que tenhais vivido entre nós tantos anos?! Como podeis ignorar que nós todos deixamos em Faro pais, esposas e filhos?! Na verdade, pareceis ter desembarcado neste instante em direitura de Paris ou St. Cloud\*.

AJUDANTE

Não faláveis com tanta liberdade ao princípio. É só depois que a Espanha se insurgiu que os senhores portugueses vão levantando a voz. Mas que temam a cólera de Napoleão, ou de azedarem a doçura do melífluo Junot, porque então correrá o sangue por torrentes do norte ao sul e do nascente ao poente de Portugal.

CAPITÃO

Não me é aplicável o que dizeis: tanto antes, como depois da vinda dos vossos semelhantes, nunca mudei de tom, falo ainda o mesmo português. É pelo contrário na vossa pessoa que tenho observado uma diferença bem notável! Tende-vos tornado, depois que eles vieram, de uma insolência insuportável. Acaso pretendeis pagar os benefícios que tendes recebido da nação portuguesa, mostrando-lhe que sois francês moderno?

---

\* Referência ao Castelo de Saint-Cloud (perto de Paris), nesta época residência de Napoleão e sua família. Para além disso, tinha sido o lugar onde ocorrera o golpe de 18 de Brumário, que conduziu Napoleão ao poder, e, mais tarde, onde o mesmo se proclamou Imperador.

AJUDANTE

Cumpri as ordens que vos dei, senão...

CAPITÃO

Senão o quê? Infeliz, queres ficar aqui sepultado? Não reparas que posso ao mais leve aceno... Olha, olha para esses Soldados, vê como no semblante de cada um está pintada a tua morte!

AJUDANTE (*mais brando*)

Cumpris, ou não cumpris as ordens? Necessito de uma resposta decisiva para com ela satisfazer o nosso General.

CAPITÃO

É contra Faro que pretendeis que volte a artilharia? Eu vos satisfaço: não é a posição que indica a vontade do Comandante. Olá, Soldados, virai a artilharia contra a cidade. (*Entram com a artilharia para dentro da parte esquerda*).

AJUDANTE

Agora sim, estou satisfeito. Lembrai-vos que desta expedição depende a vossa fortuna. O General de Artilharia Mr. Taviel\* ocupa-se actualmente em organizar a artilharia portuguesa. Nas vossas mãos está subirdes de posto. Podereis contar com a protecção do nosso General.

CAPITÃO

Quero morrer Capitão, não sou ambicioso; guardai a vossa protecção para quem a merecer; a minha consciência acusa-me que não sou digno; não quero tirar postos ao merecimento.

---

\* Historicamente falando, sabe-se que havia em Faro um Capitão francês chamado Gaviel, colocado no comando das operações pelo General Maurin, quando este adoeceu.

## AJUDANTE

Vou descansado para Faro, confio na vossa probidade e conhecimentos. Adeus, senhor Capitão. (Safa daqui, que estive em risco de perder a vida; principio já a desconfiar dos tais senhores portugueses. Parece que se falaram todos para me mostrarem má cara. Aprovo o projecto do General, e vou também cuidar da mala: parece-me que o meu reinado acabou). (*Sai*).

**CENA VI**

*O segundo* CAPITÃO Português só

CAPITÃO

Infame Ajudante! Eis como pagas os benefícios que tens recebido dos algarvenses. Se neste mundo os crimes são punidos, o castigo dos teus não pode tardar. Mas examinemos por um pouco o que passa à roda de mim: cada vez observo mais a terrível situação em que me vejo. Os franceses são ainda poderosos, e os habitantes de Olhão insuficientes para os arrostarem. Se não se pacificam, podem os tigres fazer correr o sangue; e então os meus compatriotas me darão o nome odioso de traidor. Que farei nesta colisão? (*Pensa*). Toda a perplexidade é fraqueza... Sim, o meu partido está abraçado. O som do primeiro tiro será o sinal da minha retirada, para unir-me aos meus concidadãos; e o espírito de que os achar animados regulará a minha conduta (*Quer entrar para dentro, e encontra um homem*).

## CENA VII

O CAPITÃO, e um HOMEM de Faro

HOMEM DE FARO

É possível, Capitão, que estejais vivo, ou é a vossa sombra que representa a vossa caratula? Dizei, falai? Se sois alma do outro mundo, eu vos requiero em *nomine patris*\*.

CAPITÃO

Que quereis dizer com isso? Explicai-vos.

HOMEM DE FARO

Falo ou não falo com o senhor Capitão? Com o nosso *Frazão*\*\* , com o que vai ser nosso Gene... irra, que me ia fugindo a língua; e, com todos os diabos, eu quero ver como se hão de amanhar desta vez os tais camisolas: só eu à minha parte quero que me caibam *cinquenta e cinco*, com que disse já lá em casa à nossa santa companheira, que havemos de fazer cinquenta e cinco odres, três rebecas, seis lençóis, um avental, fora o pano que há-de crescer entre mangas.

CAPITÃO

Explicai-vos. Que vindes a dizer com toda essa ladainha?

---

\* Isto é, *em nome do Pai*.

\*\* Em oposição aos *Futres* (os franceses) existem os *Frazões* (alcunha dos portugueses). Desconhece-se se *Futre* e *Frazão* são alcunhas inventadas pelo autor, ou se eram usuais na época, dentro da gíria anti-napoleónica.

Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1981) de José Pedro Machado, o termo *Frazão*, de raiz obscura, parece vir das formas medievais *Farazon* e *Farazun*, que apontam para uma relação com o arabismo *alfaraz*, isto é, *rápido* e *ligeiro* (em relação a cavalo ou a cavaleiro). Curiosamente, o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1783) de Bernardo de Lima, por sua vez, diz que *Frazão* é o que fala (pertencendo assim à família de palavras como *frase*, *frasear*), remetendo também para outro sinónimo, *frisão*, isto é, *cavalo da Frísia* (costa norte da Europa central), que também significa *soberbo*.

## HOMEM DE FARO

É que correu por lá não há meia hora, qual meia hora, nem um quarto, porque eu vim pelos ares, que o nosso capitão *Frazão* tinha sido morto pelos *Futres*, por não querer acompanhá-los contra os nossos; e vai então, nós todos – vós conheceis os algarvios, que quando falam no diabo, é porque tudo há de ir com o Senhor de todos os diabos – entramos todos a ajuntar-nos, e brevemente ouvireis falar de nós. Não vos digo mais nada, meu *Frazão*, só vos dou a alegre notícia, visto que ainda viveis, que estais nomeado nosso Gene... Sim, sim, Capitão, ouvireis falar de nós. Não vos digo mais nada: corro num salto a dizer que não vos espicharam, e que estais como um pêro. Adeus. (*Vai-se*).

## CAPITÃO

Vinde cá, dizei-me primeiro o que tudo isso significa.

## HOMEM DE FARO

Adeus, General, ouvireis falar de nós. Rezai-lhe pela alma, era uma vez um francês.

## CENA VIII

### *O CAPITÃO só*

#### CAPITÃO

Que significará tudo isto! Não há dúvida, Faro imitou Olhão. Oh! Se a fortuna tal quisesse... Deus, que vigiais lá de cima sobre os mortais, favorecei a nossa causa; ela é vossa, e de toda a humanidade. Querida pátria, recebe os ardentes desejos que tenho de te salvar. Vou subir àquele alto para examinar o que se passa em Faro.

## CENA IX

*O Teatro representa o campo chamado Virgilius\*,  
com algumas casas de Quinta*

TROPAS FRANCESAS *com as armas ensarilhadas,*  
CAPITÃO e TENENTE *franceses, e o MINISTRO português*

CAPITÃO FRANCÊS

Creio que não será necessário, por ora, avançarmos mais; daqui descobrimos toda a povoação, e podemos fazer vir à fala alguns habitantes para tratarmos com eles. (*Durante esta fala, um Soldado vem à cena, carregado de objectos furtados; todos os camaradas o rodeiam; o ministro observa, e prepara-se para falar ao Capitão*).

TENENTE

Parece-me que estamos aqui ainda muito distantes para começarmos as nossas operações militares.

CAPITÃO FRANCÊS

Não há dúvida, gosto deste sítio, acho-o *pitresco*. Senhor ministro, mande vir, daquela casa vizinha, mesa e cadeiras.

MINISTRO

Não será necessário; como os vossos Soldados se encarregaram de lhe mudar os trastes, brevemente trarão mesas e cadeiras. Senhor Capitão, queira

---

\* *Virgilius*, conforme o original. O cenário real em que se passou a história aqui representada, no dia 19 de Junho de 1808, foi na chamada quinta do Chantre, no sítio do Torrejão de Cima, entre Faro e Olhão. Existe realmente nesta zona um topónimo intitulado Virgilios, embora esteja deslocado cerca de três quilómetros a oeste do local mencionado.

reprimir e castigar os seus Soldados: veja que andam saqueando todas as casas vizinhas.

CAPITÃO FRANCÊS

São rapazes, querem divertir-se. A idade os emendará; eles chegarão à nossa, senhor ministro! (*Este vai mandar buscar a mesa e cadeiras*). Senhor Tenente, observe com o óculo o estado de fortificação e da gente que guarnece a vila revoltada.

TENENTE (*Avança-se, e mete o óculo por entre os bastidores*).

Lá descubro duas peças de artilharia de grosso calibre, assestadas nas duas bocas das ruas que conduzem para aqui, servidas por alguns Artilheiros; imenso povo apinhado nas ditas ruas; lá vejo tremular sobre a torre da Igreja a bandeira portuguesa, como igualmente cabeças que examinam os nossos movimentos. Oh! Lá correm pelas ruas, e se dirigem para onde estão as peças não poucos homens vestidos de vermelho\*, e não usam de chapéu; pelo contrário, todos lhos tiram.

CAPITÃO FRANCÊS (*Assustado*)

Como... Em... Vestidos de vermelho? Vede bem; não seja ilusão precedida do reflexo da luz. Vestidos de vermelho, *futre*, que maldita cor!

TENENTE

Qual ilusão, nem meia ilusão! Estão vestidos de vermelho, e bem escarlate, não há dúvida.

CAPITÃO FRANCÊS (*Cada vez mais assustado*)

Soldados, *aux armes*\*\*...

---

\* Era esta a cor de alguns regimentos ingleses. As mulheres olhanenses também usavam umas mantilhas da mesma cor.

\*\* Tradução: *às armas*.

TENENTE

Que fazeis? Ninguém sai da vila, tudo está tranquilo.

CAPITÃO FRANCÊS

E os vestidos de vermelho tem abotoadura branca e bolsa no cabelo? Movem-se?... Ou que direcção tomam eles?... São em grande número?... Falam português, ou que fazem?...

TENENTE (*Que não ouviu*)

Lá vem...

CAPITÃO FRANCÊS

*Aux armes, aux armes, ennemi, ennemi, anglais!*\* (*Tocam o rufo*).

TENENTE

Para que é tanta bulha? Disse-vos que vem, mas é um pobre homem que conduz pela rédea o seu burrinho.

CAPITÃO FRANCÊS (*Mais tranquilo*)

Dar-se-á caso que tenham desembarcado?! Deixá-los vir, nós cá estamos. Senhor ministro, faça-me a graça de ver se são eles ou não. Vós tendes deles melhor conhecimento do que eu, porque sempre me viram pelas costas, e nunca tive a honra de os ver de perto.

MINISTRO (*Recusando o óculo*)

Pois o senhor Capitão é também dos que se assustam sem haver de quê! Tranquilizem-se, Senhores!

---

\* Tradução: *às armas, às armas, inimigo, inimigo, inglês!*

CAPITÃO FRANCÊS

Viu os vestidos de vermelho? Ainda lá estão?

MINISTRO

Ainda. Então isso que tem? Ou entram as cores por alguma coisa na tática francesa? Fogem acaso as balas da cor vermelha?

CAPITÃO FRANCÊS

É que eu tenho uma particular zanguinha com essa cor depois que fui ao Egípto.

MINISTRO

Pois, senhor, sossegue, que esses homens encarnados que se observam daqui são irmãos dos de cor castanha, café, e azulados; com a diferença que os primeiros pertencem a certa irmandade, que eu desejaria ver ao fundo da escada de todos os franceses que cá vieram.

CAPITÃO FRANCÊS

Está bom, está bom; que fossem ou não fossem era o mesmo: os bravos de Marengo estavam aqui para os receber. (De tal escapei! Se eram os tais senhores ingleses, bem podia preparar-me para uma viagem marítima). Senhor Tenente, observe bem toda a circunferência da povoação, veja se lhe entram alguns reforços por mar e por terra.

TENENTE (*Depois de ter examinado por alguns momentos, entra a tremer*)

Lá vejo... Sim, descubro... não há dúvida, não é ilusão... São eles.

CAPITÃO FRANCÊS (*Assustado*)

Quem, quem?... Os malditos de vermelho?... A quanta distância de nós?

TENENTE (*Continuando a tremer*)

Quais vermelhos! Pior que isso... e vêm direito a nós como um raio... como correm... Já conto dez...

CAPITÃO FRANCÊS (*Tremendo*)

Dez batalhões?...

TENENTE

Três, são de três pontes... Lá conto trinta e tantas por banda...

CAPITÃO FRANCÊS

Quem? Trinta e tantas peças de campanha?!... Soldados, bravos de Marengo... Vencer ou morrer: Viva o nosso Imperador.

TENENTE

Lá descubro mais... *Grand Dieu\**, que azáfama, tudo está coalhado... Senhor Capitão, venha ver... Estamos bem servidos, para cá trazem o rumo.

CAPITÃO FRANCÊS (*Aproxima-se tremendo,  
e agarra-se ao Tenente para ver pelo óculo*)

Deixai ver, que eu digo o que é. (*Olha pelo óculo*). *Sacre nom de Dieu, nous sommes perdus... Anglais, Anglais débarqués! Aux armes\*\**... Já conto mais de duas dúzias de navios, muitas fragatas, imensos transportes. Soldados, não desanimeis. Eu lhes farei pagar bem caro semelhante ousadia: ainda não se querem desenganar. *J'y vais, attendez, attendez\*\*\**.

---

\* Tradução: *Grande Deus*.

\*\* Tradução: *Sagrado nome de Deus, estamos perdidos... Ingleses, ingleses desembarcados! Às armas*.

\*\*\* Tradução: *Lá irei, esperai, esperai*.

MINISTRO (*Aparte, e rindo*)

É impossível não rir, presenciando semelhante cena; e estes é que são os vencedores do continente! Que se assustam de cores, e talvez de alguns barcos de pesca... (*Aproxima-se*).

CAPITÃO FRANCÊS

Senhor ministro, chegue-se, não tenha medo: nós estamos aqui para o defender. Venha ver uma esquadra forte inglesa, que pretende fazer um desembarque defronte de nós: ora veja, não tenha susto, nós estamos aqui para proteger este país de toda e qualquer invasão inglesa; para que nos mandou para cá nosso *Amo*?

MINISTRO

Oh! Sem dúvida sei o que devo esperar da vossa protecção... Vejamos também: não preciso do óculo, vejo mais longe que o meu nariz. É verdade, lá vejo... Não é esquadra forte, é sim forte esquadra! Tem três pontes, e pode ter trinta e cinco por banda. (*Ri*).

CAPITÃO FRANCÊS

De que rides, acaso gostais que eles desembarquem? Também vós quereis ser insurgente e anglómano?

MINISTRO

Não rio nem do senhor Capitão, nem dos navios e fragatas, mas sim do maganão que lhe vendeu de propósito esse microscópio por óculo de ver ao longe, para que tomassem por uma esquadra forte as simples barcas dos pobres pescadores. O tal Maganão era curioso de vidros! Já cá o comprou em Faro, senhor Capitão?

CAPITÃO FRANCÊS (*Já mais tranquilo*).

O que dizeis é verdade? Assegurais-me que são barcas piscatórias?

MINISTRO

Sim, asseguro-vos.

TENENTE

*Sacre bougre\**: em como as comi por navios e fragatas, e ainda não estou de tudo inteirado.

CAPITÃO FRANCÊS

*Ventrebleu\**, em como ainda não estou em mim, não por medo – longe de nós tão aleivosa ideia – mas por desgraça em que iam mergulhar-se os pobres habitantes dos Algarves: se nos víssemos obrigados a combater os ingleses, tudo ficaria assolado; não tornavam a haver mais figos.

MINISTRO

Senhor Capitão, não ignorais que administro justiça, e que podem estar à minha espera as partes?

TENENTE (*Vai fazer sinais*)

Lá se avançam alguns.

CAPITÃO FRANCÊS

Armados?

TENENTE

São coisa de uma dúzia.

---

\* Expressão exclamativa de espanto e surpresa.

\* A expressão tem o mesmo sentido que o referido na nota anterior.

CAPITÃO FRANCÊS

Estenda bem esse lenço; não vão eles cuidar que é outra coisa, como há pouco nos aconteceu.

TENENTE

Lá se destacam três.

CAPITÃO FRANCÊS

Como vêm eles vestidos?

TENENTE

Cor escura.

CAPITÃO FRANCÊS

Podem vir. Acenai sempre. Ora, senhor ministro, é chegada a ocasião de nos prestar os seus bons ofícios, servindo-nos de intérprete no armistício ou paz que vamos tratar com os habitantes de Olhão.

MINISTRO

Não posso acreditar que os franceses se abaiquem a ponto de quererem tratar diplomaticamente com uma pobre povoação de pescadores. Que dirão os vossos inimigos? E o mesmo Napoleão como ficará, quando tal souber? Vós tendes outras intenções, sem dúvida. Rogo-vos que me declareis quais são, para regular por elas a minha conduta.

CAPITÃO FRANCÊS

E podeis vós fazer semelhante pergunta a um Oficial francês? Quando deixou ele de ter boa fé? Não tendes vós visto como nos temos comportado até agora?



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

## TENENTE

Aí chegam os plenipotenciários enviados pela potência inimiga.

**CENA X**

*Os mesmos, CHARROCO, AMARO e MARIANA*

CHARROCO

Qual dos senhores é o General em Chefe da expedição francesa?

TENENTE (*Mostrando o Capitão*)

É aquele senhor.

CHARROCO

Então que nos quer a sua pessoa? Aqui estamos representantes de toda aquela povoação. Temos paz, ou temos guerra?

MARIANA (*Puxando-lhe pelas abas*)

Então assim é que falas? Deixa-me responder-lhe: estou morta por lhe arrumar quatro juras de lhe porem os queixos à banda.

AMARO

Irmã, deixa falar o teu Charroco, que sempre é homem que foi sete anos algarvio no Tejo.

CAPITÃO FRANCÊS

Desejo saber antes que a força do nosso poder caia sobre vós, quais foram os motivos que vos obrigaram à revolta e insurreição?

CHARROCO

Não entendo cá nada de *revoltamentos*, nem de *ressurreições*: o que sei dizer-vos é, que nem eu, nem todos os habitantes daquela pequena vila acolá, não tememos a vossa força, nem ameaços.

MINISTRO

O senhor Comandante pergunta-vos por que razão tendes pegado em armas e não quereis que os franceses vos governem?

CHARROCO

Agora já entendo, isso é que se chama falar português. (*Para o ministro*). E o senhor ministro também é cá da tal súcia? É jacobino?

MINISTRO

Eu sou português.

MARIANA

Charroquinho, deixa-me falar, senão estoiro. Comandante, eu vos digo os motivos.

CHARROCO

Mariana, não me estorves, repara que represento a nossa gente, e que tu és meu Ajudante de Ordens.

MARIANA

E mais alguma coisa, não é assim?

CHARROCO

Amores não são para tempo de guerra, guardemos isso para a paz geral.

CAPITÃO FRANCÊS

Dizei, por que motivo pegaste em armas?

CHARROCO

Primeiramente, porque tínhamos mãos e alma para lhes dar uso; em segundo lugar, porque não fazíamos mal a ninguém, vivíamos cá neste calcanhar do mundo da nossa agência; em terceiro lugar, porque sempre foi livre entre nós, de pais a filhos, podermos pescar. E para deixarmos de satisfações, pegámos nas armas, porque quisemos.

CAPITÃO FRANCÊS

Mas quem vos fez mal?

MARIANA

Ora sofram semelhante pergunta! Deixa-me falar, com todos os diabos.

CHARROCO (*Mandando-a calar*)

Sabeis vós o que significa Olhão em português?

CAPITÃO FRANCÊS

Não.

CHARROCO

Pois eu vo-lo explico: quer dizer coisa que olha muito. Ora, quem olha muito, não vê pouco; quem não vê pouco, não é tolo; nós somos da terra dos que olham\* muito; tirai-lhe agora a consequência, e aí tendes a resposta.

---

\* O trocadilho usado pelo autor era não só fonético como gráfico. De facto, a terceira pessoa do plural do verbo olhar, no tempo presente, escrevia-se igualmente *olhão* (grafia que se perdeu através da actualização ortográfica).

CAPITÃO FRANCÊS

Se o meu General vos proibiu de pescar, não foi por mal, mas para que vos não comunicásseis com a esquadra inglesa, que deseja a vossa perdição.

CHARROCO

A nós não nos importa quem nos deseja mal, mas sim quem no-lo faz.

CAPITÃO FRANCÊS

Ignorais, porventura, que por força ou por bem háveis de fazer o que os franceses vos mandassem? Creio que não conheceis ainda bem os seus poderes.

CHARROCO

Se todos são como os que tenho visto, são fortes papões! Nossas mulheres e crianças nem sequer têm medo deles.

MARIANA

Que me lancem dois, e veremos: creio que já sabem como eu mordo.

AMARO

Meia dúzia para mim é bagatela.

TENENTE (*Quer tirar a espada*)

Que dizeis, atrevidos? Olhai que...

CHARROCO

Olhe, não a constipe, abafe-a na bainha, e lembre-se que cá nós representamos aquela potência que além vê. Os embaixadores sempre foram pessoas sagradas: veja primeiro o que faz.

## CAPITÃO FRANCÊS

Tenente, moderai os transportes: se as coisas não forem a bem, teremos tempo de nos vingar.

## TENENTE

Havemos nós outros, vencedores de Marengo, Austerlitz, Jena e Frideland, sofrer que diante de nós se atreva alguém a soltar semelhantes palavras, e sobretudo uma miserável paisanada...

## CHARROCO

Eu cá não conheço *Maranhas*, nem *Marinhas*, *Sterliques*, ou *Sterloques*, *Helenas*, ou *Forros de Holanda*: o que sei é que represento coisa de três mil habitantes, que sem distinção de saia ou calção, de velho ou rapaz, todos estão ansiosos de guerrear com esses vencedores que falais, fossem eles, d'álem do Inferno, três léguas; e como vejo que quereis guerra, adeus, que nos vamos embora; e se vos atreveis, vinde-nos fazer uma visita. (*Querem ir-se*).

## MINISTRO

Esperai, eu vo-lo rogo. O senhor Comandante quer fazer-vos certas proposições de paz: creio que, em todo o caso, é melhor levar as coisas por bem.

## MARIANA

Temos feitiço e estômago para tudo; e o meu voto é de guerra sem quartel. Se eu tenho um prazer nunca visto, é quando faço prisioneiro algum soldado francês. Só o gostinho de os ver ficar com a boca aberta, quando sabem que fora uma mulher que lhe lançara o gadanho!

## CAPITÃO FRANCÊS

Quem? Tu, uma mulher?!

TENENTE (*Aproxima-se*)

Uma mulher?! Vejamos.

MARIANA (*Afastando-se*)

Devagar, devagar lá com isso! Conservem-se as respectivas distâncias que devem existir entre uma mulher portuguesa e um Soldado francês.

CHARROCO

Estamos prontos para entrarmos em negociações, contanto que seja debaixo destas duas bases: primeira, que a paz seja decorosa para o nome português; segunda, que fiquemos como dantes estávamos, antes dos franceses entrarem em Portugal. Fora disto não trago poderes para entrar em ajustes.

CAPITÃO FRANCÊS

Primeiro que tudo, dizei-me: quem foi que vos instigou para a revolução?

CHARROCO

E ele a dar-lhe com os nomes estrangeirados e franceses: falai-me português, se quereis que vos entenda.

MINISTRO

Pergunta-vos se houve alguém dentre vós que vos aconselhasse para pegardes nas armas.

CHARROCO

Ninguém nos aconselhou. Apenas houve um que nos lembrou que fizéssemos o que não esquecia a ninguém; logo que este falou, tudo se levantou e pegou nas armas.

MARIANA

Eu que o diga, que no mesmo instante vim a casa vestir-me como vedes, e marchei a incorporar-me aos demais. Conta tu, irmão, o que fiz.

AMARO

Não é nada: cá o tal senhor – minha irmã – teve a bazófia de desafiar um Dragão\* francês, desmontá-lo, e trazê-lo prisioneiro para a vila.

CAPITÃO FRANCÊS (*Para Charroco*)

E como se chama esse homem, que primeiro vos falou?

CHARROCO

É bem conhecido, foi um militar português.

CAPITÃO FRANCÊS

(É o mesmo que nos tinham dito). E que é feito dele?

AMARO

Foi para a esquadra inglesa.

CAPITÃO FRANCÊS e TENENTE

Para a esquadra inglesa! E nós sem o sabermos.

MARIANA

Porquê? Queríeis escrever para lá?

---

\* Soldado da cavalaria francesa.

CHARROCO

E partiu esta manhã.

CAPITÃO FRANCÊS

E essa esquadra, onde está?

CHARROCO

Onde carrega.

CAPITÃO FRANCÊS

É necessário mandar a toda a pressa um barco em cata dele, que já não é necessário... que tudo está composto...

CHARROCO

Como eu nada vejo composto, mandai vós, ou componde lá isso à vossa maneira.

CAPITÃO FRANCÊS

E sabeis porque foi lá?

CHARROCO

Porque teve vontade; e não tem medo da água salgada, como os vencedores de *Sterloques*.

CAPITÃO FRANCÊS

(Que funesto e imprevisto golpe: é necessário fazer paz, quanto antes, para obstartmos ao desembarque dos ingleses). Tratemos pois de arranjar-nos, saibamos o que pretendes: discorrei bem primeiro nos artigos...

CHARROCO

Não tenho que discorrer, o meu secretário aí traz por inteiro os capítulos, que o dito militar nos deixou, antes de partir para a esquadra, recomendando-nos que, se não estivésseis por eles, nos defendêssemos a todo o pano até à sua volta.

AMARO

Ei-los, meu embaixador. (*Dá-lhe o papel*).

MARIANA

Quereis que o vosso Ajudante de Ordens os leia?

CHARROCO

Isso pertence-me; eu os leio. Escute, senhor Comandante em Chefe das Tropas expedicionárias contra Olhão:

“Tratado de Paz Geral e Definitiva entre os habitantes de Olhão e Bonaparte, dito Imperador dos Franceses, feito pelo Órgão dos respectivos Plenipotenciários.

Artigo I: Haverá paz entre os habitantes da vila de Olhão e as tropas francesas existentes, e outras quaisquer que para o futuro possam invadir os Algarves por mar e por terra.

Artigo II: Será livre aos habitantes da dita vila pescar como dantes, e fazer tudo o que faziam seus antepassados, sem que os franceses possam fazer das suas costumadas reclamações.

Artigo III: Nenhum francês, militar ou outro, ou jacobino de qualquer nação que seja, mesmo português, poderá aproximar-se da dita vila, para dentro de meia légua.

Artigo IV: Tremulará nas torres de Olhão a bandeira portuguesa, ainda que na de Faro tremule a das três cores.

Artigo V: O presente tratado será ratificado dentro de vinte e quatro horas, em cujo espaço haverá uma suspensão de armas, conservando-se os dois exércitos nas posições em que se acham.

Artigo VI: O presente tratado, logo que for assinado e ratificado pelas duas partes contratantes, será registado no Livro Mestre da Câmara de Faro, para que conste a nossos netos, que haviam ainda portugueses em Olhão no mês de Junho de 1808”.

Então, que vos parece, estais pelo conteúdo, ou quereis guerra? Escolhei, e nada de demoras.

#### CAPITÃO FRANCÊS

Alguns artigos há, para os quais não trago poderes, como são o segundo e o quarto; porém, não obstante, mandarei a Faro, para que o General os aprove.

#### TENENTE

Enquanto a mim, nem o primeiro aprovaria, principalmente aquela cláusula de invasão por mar; visto que a nossa guerra actual é terrestre, e não podemos tratar nada acerca da marítima.

#### CHARROCO

Dizeis bem, foi fatal esquecimento do que escreveu o tratado, que não se lembrou, nesse momento, que vós éreis franceses. De boa vontade consinto que a invasão por mar seja riscada, e mesmo, se vos apraz, meter-lhe-emos em seu lugar a seguinte: “Que os habitantes de Faro consentem ser passados à espada, se um só francês abordar por mar nos Algarves”.

#### CAPITÃO FRANCÊS

Igualmente é essencial que enquanto nós enviamos um correio ao nosso General, para que aprove o tratado, vós mandeis igualmente um aviso a esse militar, para que não trate nada com os ingleses.

#### CHARROCO

Já vos disse que não é da nossa competência: mandai vós se quereis...  
(Um Soldado francês correndo entrega umas cartas ao Capitão).

CAPITÃO FRANCÊS (*Abrindo, e quase assustado*)

Vejamos! Ela é do General. (Lê):

“Capitão, estamos perdidos: se não me socorreis, estou em termos de perder a vida. Faro está sublevado. Adeus, não tenho tempo para mais”.

*Aux armes, aux armes; marchons sur Faro\**: é ocasião de mostrarmos quem somos. (*Tremendo*). Rebeldes, nós vamos dissipar-vos.

MINISTRO

Que é, senhor Capitão? Que acontece de novo?

CAPITÃO FRANCÊS

Que há de acontecer, *futre*? Estão os vossos senhores de Faro igualmente insurgidos.

CHARROCO

Também pegou Faro em armas! Bonito. Eis o que faz o bom exemplo. Olhem se nós fazemos as pazes, que não podíamos ser agora da guerra! Corramos a avisar a nossa gente, para virmos ajudar os de Faro.

MARIANA

Voemos. Adeus, senhor Comandante, brevemente nos veremos. (*Vão-se os franceses*).

MINISTRO

Que triste situação é a dos que nos tempos das revoluções administram a justiça! Por serem úteis aos seus concidadãos continuam a administrá-la durante o governo intruso, ameaçados todos os dias pela tirania, se não vexam os povos. Chega enfim a Revolução; e estes que assim se comportaram, são muitas vezes confundidos com aqueles que, nas mesmas circunstâncias, cumpriam à risca as ordens do despotismo. Corro a unir-me aos meus compatriotas. A sua é a minha causa; e se alguém dentre eles pretender manchar-me com a negra suspeita de partidista, opor-lhe-ei a história da minha vida. Invocarei, se necessário for, em meu abono, os benefícios que os

---

\* Tradução: *Às armas, às armas; marchemos sobre Faro*.

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

habitantes de Faro têm recebido de mim, durante seis anos; e com tais documentos, e tão bons juízes, não receio justificar minha inocência. Corramos.

**ACTO III**

*O Teatro representa a vista de campo.*

**CENA I**

O SEGUNDO CAPITÃO PORTUGUÊS  
*(Encaminhando-se para a boca do Teatro)*

O SEGUNDO CAPITÃO PORTUGUÊS

É mais que certo: Faro pegou em armas para sacudir o jugo dos tiranos. Nas mais altas torres já tremula a bandeira portuguesa, tocam-se todos os sinos. Chegou enfim o feliz momento, pelo qual ansioso suspirava. Pátria, e tu, PRÍNCIPE excelso, cuja imagem ficou gravada no coração dos verdadeiros portugueses, sereis vingados. Mas que devo fazer neste lance? Devo retirar-me para Faro, unir-me aos meus compatriotas, ou conservar este posto à custa da própria vida, para que os pérfidos se não apossam dele? Ouço tumulto que para aqui se avizinha, serão os cobardes? Ou os briosos portugueses, que marcham para combatê-los? Soldados, chegai a postos, e voltai a artilharia para o lado contrário. *(Entram, e assestam a artilharia para o lado contrário)*. Soldados, os nossos concidadãos, imitando o exemplo dos de Olhão, como eles, armaram-se para repelir o inimigo. Acha-se a nossa cidade ameaçada pelos mesmos pérfidos que marcharam contra os nossos vizinhos: é necessário fazermos-lhes frente, e não os deixar aproximar. Jurais morrer antes do que tal consentir?

SOLDADOS

Juramos.

O SEGUNDO CAPITÃO PORTUGUÊS

O tumulto cada vez mais se avizinha. Vejamos. *(Vai ver da parte de Olhão, e depois da parte de Faro, e corre para os Soldados apressado)*. Companheiros das fadigas e glória, alegrai-vos: são os vossos irmãos que se encaminham para



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

estes sítios. Já ferem os ares as vozes de alegria; e tremula vaidosa no centro dos valentes a bandeira portuguesa.

**CENA II**

O PRIMEIRO CAPITÃO *comandando os PAISANOS DE FARO, armados de toda a sorte, e com o laço vermelho no braço. O SEGUNDO CAPITÃO e SOLDADOS DO SEU COMANDO*

PRIMEIRO CAPITÃO (*Depois de ter postado a sua gente no fundo do Teatro, avança, trazendo na mão a bandeira portuguesa*).

Oficial e Soldados, conheceis esta bandeira?

SEGUNDO CAPITÃO e SOLDADOS

Conhecemos.

PRIMEIRO CAPITÃO

Sabeis o que ela significa na mão de um português?

SEGUNDO CAPITÃO

Morrer ou vencer pela Pátria, PRÍNCIPE e Religião.

PRIMEIRO CAPITÃO

É necessário mostrá-lo.

SEGUNDO CAPITÃO e SOLDADOS

Queremos mostrá-lo.

PRIMEIRO CAPITÃO (*Para os do seu comando*).

Amados companheiros, alegrai-vos! Encontrámos portugueses. (*Para todos*). Valorosos compatriotas, juremos por todas estas quinas, que nossos avós foram plantar nas quatro partes do mundo, expirar antes nas ruínas da pátria, e

extinto com ela o nome português, do que consentirmos que jamais essa bandeira do tirano do continente tremule nas nossas torres ou fortalezas.

#### SOLDADOS

Juramos morrer antes.

#### PRIMEIRO CAPITÃO

Eia pois, mostremo-nos verdadeiros portugueses. Um bando de assassinos devastava até aqui o belo país dos Algarves. É necessário exterminá-los, e que nem um só ouse mais pisar a terra que nossos antepassados nos remiram à custa do seu valor e sangue. (*Para o Segundo Capitão*): Seria bom que um de nós fosse observar os movimentos do inimigo.

#### SEGUNDO CAPITÃO

Eu vou e, se necessário for, chegarei mesmo onde eles estão; e brevemente voltarei. (*Parte*).

#### PRIMEIRO CAPITÃO (*Para os de seu comando*)

Amados concidadãos, uni-vos a estes valentes Soldados que, de hoje em diante, vão formar convosco uma mesma família. (*Formam-se todos*).

## CENA III

O SEGUNDO CAPITÃO e os *mesmos*

## SEGUNDO CAPITÃO

Os tigres para cá se encaminham a toda a pressa; pouco podem tardar.

## PRIMEIRO CAPITÃO

Não esperemos que eles nos acometam; porém, antes de os esmagarmos, escutai o que vos digo pela voz da pátria: Amados concidadãos, o dia 19 de Junho de 1808 vai ser para sempre memorável nos fastos da história portuguesa. Ele provará à derradeira posteridade o vosso grande patriotismo, e que não tinham murchado ainda os louros que os nossos avós nos deixaram por herança; provará que ainda circulava nos habitantes dos Algarves o generoso sangue dessa longa série de heróis famosos que, não satisfeitos com as vitórias do continente, foram plantar as quinas portuguesas em todas as partes do mundo conhecido, descobrindo regiões incógnitas, dobrando o Cabo dos Tormentos, e fazendo com que o soberbo – e, até ali, indómito – elemento obedecesse ao Império português. E dar-se-á o caso, amados concidadãos, que vós, portugueses de hoje, não sejais os mesmos de então? Ou, para o serdes, que seja necessário pôr à vossa frente os veneráveis esqueletos de um Nuno Álvares, de um D. João de Castro, de um Vasco da Gama, e de tantos outros heróis?... Porém, perdoai o meu entusiasmo. A morte não estende o seu Império sobre os homens grandes que mereceram a pátria; eles ainda vivem nos vossos peitos, e eles estão animando o coração de vós todos. Portugueses, corramos à vitória, vamos aniquilar esse infame bando de malvados que a cólera de Napoleão vomitara sobre Portugal. Vamos ensinar-lhe como se vence, e dar a todos os portugueses o mais belo exemplo do santo amor da pátria. Mas antes que partamos é necessário, soldados, que tenhais também o sinal da firme união das nossas vontades: falo do sinal do patriotismo que abraça os nossos corações. Aí tendes essas fitas, cingi-as igualmente aos vossos braços. (*Põem todos o laço vermelho*)\*. Um dia, queridos compatriotas, virá, e o coração me diz que não está longe, em que nunca tendo deixado cair dos valorosos braços nem as armas, nem este distintivo, entraremos triunfantes em Lisboa, para livrá-la da opressão dos tiranos, e recebermos o prémio de nossas fadigas. Marchemos ao campo da glória; e juremos de novo à face dos céus e da terra, morrer pela nossa

---

\* De facto, os povos do sul passaram a ostentar um laço vermelho, como sinal de patriotismo.

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

Independência, PRÍNCIPE e Religião. Viva o PRÍNCIPE REGENTE. (*Repetem todos, e marcham*).

## CENA IV

JULIETA e FLORINDA

JULIETA (*Apressada, e com susto*)

Para onde me guia o destino! Ai! Infeliz de mim: sigo as pegadas do meu amante, único asilo que me resta no universo, e corro atrás de uma quimera! Onde estará ele? Que será feito de meu Irmão? Sós, sem defesa, duas mulheres! Quem nos livrará de sermos insultadas? Ah! Florinda, companheira infeliz de minhas desventuras, quanto melhor me fora não ter nunca vindo a Portugal. Que desgraçada sorte é a minha: fugi da França para escapar à fúria dos meus; e em Portugal, único abrigo que encontrei sobre a terra, sou perseguida, porque sou francesa! Deixa que as minhas lágrimas me reguem as faces e que dêem por algum momento lenitivo às minhas penas.

FLORINDA

Não choreis, senhora. Não sois tão desgraçada quanto vos parece: lembrai-vos que não habitais entre feras; e que os portugueses sabem distinguir a virtude do crime, e o nome do objecto. Ah! Não lhes façais a injustiça de persuadir-vos de que vos maltratam, só porque sois francesa.

JULIETA

Meu irmão, Florinda, tendo seguido o moderno partido francês, depois de ter recebido tantos favores da generosidade portuguesa, há de agora ser tratado como verdadeiro opressor. A mesma sorte que o espera está guardada para sua irmã! (*Chorando*).

FLORINDA

Desterrai semelhantes suspeitas, recordai-vos que se os portugueses vos acolheram na vossa desgraça, não hão de agora contradizer-se.

JULIETA (*Ouvindo tiros*)

É o sinal da morte... O meu amante... O meu irmão... Ambos talvez já não existem... Ah!... Não sobrevivo a semelhante ideia... Sinto-me desfalecer... presta-me os teus braços... eu morro... (*Cai desfalecida*).

FLORINDA

Minha querida ama, tomai alento, não desanimeis: quem vos disse que não estão ambos vivos? Sim, o vosso amante vive. Lembrai-vos que as súplicas de todos os habitantes dos Algarves sobem ao céu piedoso, pedindo-lhe a sua vida: nela está posta a salvação de nós todos, e Deus há de escutar tão justa petição.

JULIETA (*Tornando a si*)

Vive o meu amante? Ah! Florinda, que bálsamo consolador verteste nas minhas veias. Sim, para ele é que vivo, quero pois ainda viver. Ele é meu, fê-lo para mim a natureza; e os homens, nem com as suas perpétuas guerras e opiniões destrutivas, nem o déspota da França com todo o poder de suas baionetas, serão capazes de mo arrancar do coração: sua imagem querida existe aqui dentro. (*Bate nos peitos*). E neste recôndito país ninguém penetra, se amor não lhe conduz os passos.

FLORINDA

Se não me engano alguém se encaminha para estes sítios. Fugamos para este lado, para não sermos apercebidas, e de lá observaremos se o vosso amante é da comitiva.

## CENA V

CHARROCO, MARIANA e AMARO  
*com a GENTE DE OLHÃO (chegam apressados)*

CHARROCO

Será possível que chegássemos tarde, e que já não possamos, como os outros, molhar também a nossa sopinha? Seria para mim uma desgraça de me ir afogar, se depois de ter tido a bazófia de tratar paz com os representantes de um Imperador, não tinha agora o prazer de lhes dar uma prenda minha, para que se lembrassem toda a vida do Charroco dos Algarves.

MARIANA

Não te preguei eu, e a todos os sabichões, que nada de paz com aquela qualidade de gente? Que guerra, e mais guerra, e sempre guerra! É bem feito que tenham outros a pechincha de os guerrear.

AMARO

Dizes bem, senhora secretário; se as mulheres tivessem voto no cabido\*, muitas coisas andariam melhor do que andam.

CHARROCO

Já agora, Mariana, não há remédio: confesso que errámos na nossa política. Contudo, já que a vindima está feita, vamos ver se encontramos ainda algum bago: quero dizer, se pescamos o peixe miúdo que escapasse pela malha da rede varredoura. Mariana, destaca-te por este lado com alguns homens, enquanto nós vamos por este. *Olho vivo, pé ligeiro, arma pronta, e fisga neles*: estas são as palavras da ordem do dia, vamos. (*Saem*).

---

\* Corporação dos cónegos. Por extensão, a Igreja.

**CENA VI**

*SOLDADOS FRANCESES, fugidos de Faro, encontram JULIETA e FLORINDA, e trazem-nas arrebatadas para dentro da Cena: estas fazem esforços para se escaparem*

FLORINDA

Bárbaros, deixai-nos! Se não respeitais o nosso sexo, respeitai ao menos os da vossa nação: minha ama é francesa; nem esse nome desarma vossa crueldade? (*Querem salvar-se, porém os Soldados não as deixam*).

## CENA VII

CHARROCO e AMARO com os PAISANOS, *que correm sobre os FRANCESES;*  
*estes tiram as espadas para se defenderem;*  
*porém, são em breve desarmados, e ajoelham-se*

## SOLDADOS FRANCESES

*Miséricorde, pardon\**. (Os portugueses querem matá-los).

## CHARROCO

A corda mereciam vocês todos ao pescoço; mas enfim, são termos de guerra, quem se rende não se mata, e assim é que vencem os portugueses. Oh lá! Não os mateis. São prisioneiros de guerra. (*Voltando-se para Julieta e Florinda*): E vós, a quem tivemos a fortuna de salvar da boca destes ursos brancos, quem sois?

## FLORINDA

Eu sou portuguesa legítima de todos os quatro costados.

## CHARROCO

E cá esta senhora, que me parece não andar muito acostumada a combater por fora de casa?

FLORINDA (*Embaraçada*)

É... minha ama: ela é... Sim... Está nos Algarves há muitos anos.

## CHARROCO

Mau, temos contrabando. Diz, confessa: é portuguesa ou francesa?

---

\* Tradução: *Misericórdia, perdão.*

FLORINDA

Minha ama é portuguesa nos sentimentos.

CHARROCO

Não te pergunto por sentimentos: guarda-os lá para quem lhos quiser. Pergunto se nasceu em Portugal ou na França?

JULIETA

Para que encobris minha origem? A verdade é de todos os climas: sei que sou francesa.

CHARROCO

Está feita prisioneira de guerra: tenha paciência, em tal caso não lhe vale o privilégio de saia, nem a recomendação da facha. (Que não é má para tempo de paz). É, já se sabe, coisa pertencente a algum oficialzinho francês, que apenas pode salvar o número um, e que deitou para trás das costas o que lhe ficava na retaguarda. Oh! Eles em amor são o mesmo que nas armas, qualquer das duas coisas largam sem grande custo, quando se trata de fugir. Fortes pernas têm! São das que merecem ser encastoadas.

FLORINDA

Juro-lhe que minha ama não pertence a Oficial francês destes que vieram ultimamente.

CHARROCO

Pois a quem? Acabai.

FLORINDA

Minha ama é irmã do senhor Ajudante de Ordens do General francês.



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

## CHARROCO

É o mesmo, porque o tal senhor não difere dos que chegaram ultimamente, senão em se ter antecipado na jornada. Está prisioneira, tenha paciência. (*Para Florinda*): E vossa mercê também, por ser jacobina... Mas quem vem para nós?! Ponhamo-nos no recto.

## CENA VIII

O SEGUNDO CAPITÃO, *alguns SOLDADOS PORTUGUESES,*  
*e os antecedentes*

CHARROCO (*Corre para eles*)

Então, senhor Capitão, já não nos resta nem um bocado deles, ou podemos contar ainda com algumas arrobas? Nós somos os *Frazões* de Olhão, que vínhamos ajudar os *Pimpões* de Faro.

SEGUNDO CAPITÃO

Tudo está concluído: os cobardes fugiram dispersados; o nosso Comandante em Chefe lá vai com a sua gente em seu seguimento; e eu venho ver se encontro alguns extraviados para evitar que cometam atrocidades por essas pequenas povoações e casas solitárias.

CHARROCO

Já vos tenho aliviado de grande parte desse trabalho: eis aqui uns poucos que já aprisionamos, e ainda lá trago por fora mais tropa em cata deles.

SEGUNDO CAPITÃO

Esta colheita não é para desprezar: muito folgo que a tendeis feito. (*Olhando para os franceses*): Então, Soldados franceses, ainda não reconheceis a mão de um Todo Poderoso, que tarde ou cedo protege a inocência e castiga o crime? Ainda não confessais que os portugueses não são quais vos diziam lá na França? Mas vós sois umas simples e grosseiras máquinas que Napoleão move à sua vontade. Pretender que escuteis a razão, é o mesmo que pretender que os brutos falem.

CHARROCO

Ainda o meu Capitão não viu outros prisioneiros de outra laia, que não tem bigodes, nem as mãos calejadas. Olhai. (*Mostra-lhe Julieta e Florinda*).

## SEGUNDO CAPITÃO

Que vejo?! É possível que vós, senhora, vos acheis nestes sítios? Julieta, prisioneira!

## JULIETA

Senhor Capitão, em nome do meu sexo, em nome do meu amante, livraime de alguns insultos.

## SEGUNDO CAPITÃO

Ponde em liberdade essa senhora: eu respondo por ela.

## CHARROCO

Vede, senhor Capitão, que é irmã do Ajudante de Ordens do General francês, e que favorecê-la é proteger os franceses.

## SEGUNDO CAPITÃO

Vós não tendes mãe, irmã, ou amante?

## CHARROCO

Tudo isso tenho com graça de Deus, e em perfeita saúde, para o vosso serviço.

## SEGUNDO CAPITÃO

Desejareis que um francês as maltratasse, só porque vos pertenciam?

CHARROCO

Certamente que não; e exporia a minha vida para defendê-las.

SEGUNDO CAPITÃO

E seriam elas responsáveis das vossas acções?

CHARROCO

Sem dúvida que não.

SEGUNDO CAPITÃO

Pois então, porque pretendeis maltratar quem nunca vos ofendeu, e não tem culpa do que o irmão tem feito?

CHARROCO

Estou capitulado: já aqui não está quem falou, sejam livres. Agora, como bom português, quero pedir-lhe perdão. (*Avança-se para Julieta*): Senhora, perdoai se ousei maltratar-vos: eu tenho bom coração; mas em tempo de guerra perco as estribeiras, e dou por paus e por pedras: é queixa da família, já meu pai assim foi na de sessenta e três\*.

JULIETA

Honrado homem, não tenho que perdoar-te, mas antes que agradecer-te a salvação da minha vida.

---

\* Sendo que em 1763 foi firmada a paz que findou a chamada Guerra dos Sete Anos, poderá o autor ter cometido algum erro, querendo sim fazer referência à campanha do Rossilhão, iniciada precisamente em 1793, onde realmente Portugal esteve envolvido. Contudo, deixa-se margem para a dúvida.

## CENA IX

*Os mesmos e MARIANA,*  
que traz um DRAGÃO FRANCÊS prisioneiro.

MARIANA

Ande, senhor Dragão, tenha paciência, está feito prisioneiro de guerra. Não tenha medo, caiu em boas mãos: os soldados da minha espécie raras vezes fazem mal aos da outra.

CHARROCO

Não encontrastes mais?

MARIANA

Este mesmo me ia escapando, porque fugia a unhas de cavalo; porém saí-lhe ao encontro por um atalho, e o fracalhão logo que me viu por diante, desanimou, e rendeu-se.

SEGUNDO CAPITÃO

Quem é este valoroso jovem?

MARIANA

Pois ainda não me conheceis?

CHARROCO (*Ao ouvido do Capitão*)

É Mariana, que está para ser nossa companheira, com a graça de Deus.

## SEGUNDO CAPITÃO

É verdade o que dizeis? Jovem, se todas as da tua espécie te imitassem, nós outros podíamos deitarmo-nos a dormir.

MARIANA (*Triste*)

Esta forte desventura minha! Sou desgraçada!

CHARROCO

Porquê, Mariana? Diz, bem sabes o que tens no teu Charroquinho.

MARIANA

Que há de ser? A todos tem cabido algum camisola, e a mim só Dragões me cabem.

CHARROCO

Dragões são eles todos de camisa, ou sem ela: tudo é o mesmo.

MARIANA

Eis aí o que é discernir bem as coisas: já estou contente.

## SEGUNDO CAPITÃO

Companheiros, marchemos para Faro levar aos nossos concidadãos a alegre notícia da vitória que alcançámos, e acabar de aprisionar os franceses que aí se acharem... Mas para cá se encaminham os nossos.

## CENA X

*Os mesmos, o PRIMEIRO CAPITÃO, o MINISTRO, SOLDADOS e PAISANOS, que trazem uma Peça de Artilharia tomada aos Franceses, e alguns Prisioneiros*

## PRIMEIRO CAPITÃO

Valorosos portugueses, os cobardes fugiram desordenados a procurar pelas brenhas um asilo à inevitável morte que os aguardava. O próprio Comandante foi o primeiro que os abandonou, fugindo vergonhosamente diante de todos. Finalmente, todos largando as armas no chão, foram dissipados, *qual impetuoso vento do Meio-Dia dissipa as areias das nossas praias*. Nenhum receio devemos ter que voltem, assaz lhes saiu cara a primeira experiência, para que pretendam repeti-la. Ah! Praza aos céus que os foragidos tigres não vão para além das montanhas faltar no sangue dos seus descautelados habitantes a sede que não puderam saciar entre nós! (*Olhando para Charroco e a sua gente*): E vós, portugueses, a quem o laço da reunião não adorna o braço, quem sois?

## CHARROCO

Somos aqueles que tiveram a glória de serem os primeiros que em Portugal levantaram a cabeça contra os franceses, com quem há pouco estes tratavam uma paz, e que vínhamos ajudar os nossos vizinhos de Faro. Finalmente, somos os habitantes de Olhão.

## PRIMEIRO CAPITÃO

Ilustres e valentes portugueses de Olhão, o vosso nome será pronunciado com respeito pelos nossos últimos netos. Fostes os primeiros que em Portugal ousastes sacudir o jugo dos vândalos modernos: o vosso exemplo nos serviu de exemplo, e o de nós ambos vai servir de modelo a toda as províncias de Portugal. (*Olhando para ela*): É possível, querida Julieta, que vos acheis nestes sítios?! Para minha felicidade ser em tudo completa, quiseram os céus que, depois de triunfante, encontrasse o único objecto que, fora a salvação da pátria, ocupa minha alma. Dizei por que milagre...

JULIETA

No meio da revolução de Faro apenas me pude escapar para seguir vossos passos, único asilo à funesta sorte que me estava preparada. Chegando a estes lugares, fomos descobertas pelos franceses, e por eles maltratadas; e graças àquele benéfico homem (*apontando para Charroco*) fomos por ele libertadas.

CHARROCO

Eu não costumo viver do crédito alheio; dê, pelo contrário, os agradecimentos de não estar por mais tempo prisioneira ao outro senhor Capitão. (*Apontando para ele*).

PRIMEIRO CAPITÃO

Amigos, eu vo-lo agradeço: cumpristes com o dever de verdadeiros portugueses que contemplam só a desgraça, e não se informam da nação do infeliz.

JULIETA

Mas, generoso Capitão, prometeste-me salvar minha família, resta-me um irmão, que ficou em Faro, e quem sabe se os seus habitantes, no delírio dos seus transportes...

PRIMEIRO CAPITÃO

Ah! Não me recordeis o seu nome: deixai-me esquecer de que é vosso irmão... Mas sim, ele não o é; ou, pelo menos, o vosso coração e acções em nada se parecem com as dele. Contudo, para vos dar uma prova autêntica de quanto vos amo, e de que não sei faltar ao que prometo, eu mando informar-me do que se passa a seu respeito, e do General.

MARIANA (*Que tem durante esta Cena sempre andado a examinar por entre os bastidores, corre apressada para o Capitão*)

Senhor Capitão, lá vem tanta gente de Faro, e trazem no meio um homem agalado, e outro em mangas de camisa. Para aqui se encaminham, venham ver, venham ver

SEGUNDO CAPITÃO

Não há que ver: é, sem dúvida, o General e alguns Soldados franceses.

JULIETA

Quem sabe se o outro é meu irmão. Ah! Desgraçado!

PRIMEIRO CAPITÃO

Conduzi-os à minha presença.

## CENA XI

*Os mesmos, GENERAL MAURIN, e o AJUDANTE em mangas de camisa,  
alguns SOLDADOS FRANCESES, e o HOMEM DE FARO*

HOMEM DE FARO (*Para o Primeiro Capitão*)

Nosso General, aqui vos trazemos estes senhores, que tinham muitas saudades vossas, como igualmente estes camisolas, com quem os nossos rapazes, tratando como crianças, se divertiram a tirar-lhes as armas e a brincar com as barretinas.

PRIMEIRO CAPITÃO

Está bom, deixai-os livres. Senhor General, estais feito prisioneiro de guerra: entregai-me a espada.

GENERAL MAURIN

Ainda não me considero vencido; porque as minhas tropas não tardarão a vingar-me.

PRIMEIRO CAPITÃO

Admiro que sendo vós seu General, não tenhais delas melhor conhecimento. Sabeis pois que mal estes valorosos Portugueses foram em seu alcance, fugiram debandadamente, largando as armas e artilharias para seguirem o vosso intrépido Capitão, que ainda fugia mais do que os Soldados? E que a esta hora os que se puderam escapar, terão passado as montanhas?

GENERAL MAURIN

Oh raiva! Maldito Junot! Maldito tu mesmo, Imperador, que sois a causa de passar pela primeira vez esta ignomínia! Aí tendes a espada.

PRIMEIRO CAPITÃO (*Para o Ajudante*)

E tu, homem pérfido e ingrato, vil hipócrita, eis o prémio de teus crimes: vê como a opinião pública sabe, melhor do que ninguém, distinguir a perversidade. Ao General francês, apesar de ter sido o principal instrumento dos nossos males, conservou o povo a espada e o uniforme, e a ti a mesma farda te despiram.

## AJUDANTE

Diz-lhe que me restituam a espada, e vem, se te atreves, pagar com a morte as injúrias que me lanças em rosto.

## PRIMEIRO CAPITÃO

Ainda ousas insultar-me, meu miserável, ainda um raio de luz não esclareceu tua alma tenebrosa. Vai, peste da sociedade, que só respiras corrupção, e cuja pestilenta atmosfera é capaz de infeccionar cidades inteiras: vai longe de nós levar contigo teus crimes e punição.

JULIETA (*Para o Primeiro Capitão*)

Lembrai-vos da vossa palavra: poupai-lhe ao menos a vida. (*Para o Ajudante*): Meu irmão, eis o fruto de não quererdes abraçar meus conselhos. Quanto melhor nos fora termos servido na obscuridade: não passarias por este opróbrio, nem eu seria espectadora de uma cena que me dilacera o coração.

## AJUDANTE

Ainda ousas aparecer-me? Emudece, irmã degenerada: já não te reconheço como tal. És a meus olhos mais vil, que a mais vil portuguesa!

## PRIMEIRO CAPITÃO

Senhor General, sois nosso prisioneiro: sereis tratado não como mereceria um militar francês, mas como costumam tratar os portugueses aos seus mais cruéis inimigos. Sereis todos enviados à esquadra inglesa, e confiados à generosidade dessa nação: prisioneiro ou não, temos jurado que nenhum

francês pisará mais, de hoje em diante, o belo terreno dos Algarves. A beleza do nosso clima, a doçura de costumes dos seus tranquilos habitantes, é incompatível com a vossa existência. Se um dia vos encontrardes com o pequeno déspota Junot, dizei-lhe da nossa parte, que os algarvenses não necessitam das suas lições para saberem vencer; e para prova disto, contai-lhe como fostes vencido. Que muito menos necessitam da sua protecção para criarem Camões; porque aqueles que regeneram Albuquerque e Castros sabem, se quiserem, também produzi-los; que, finalmente, guarde essa descoberta para a França, onde, apesar de toda a sua tão decantada literatura, ainda não houve não só quem imitasse aquele sublime poeta, mas mesmo quem o soubesse traduzir dignamente. Se tiverdes igualmente a ventura de falardes a vosso amo, para vós o *todo poderoso*, e para nós o tirano do continente, dizei-lhe que encontrastes um pequeno canto em Portugal onde a influência de suas maquinações e infernal política nunca atravessou as montanhas; onde o terror de seu nome e armas, nem às crianças mete medo; onde finalmente existem portugueses que não reconhecem outro poder, que o da sua união; outra ventura, que a da sua independência; e outra submissão, que a que devem ao seu PRÍNCIPE legítimo.

#### CHARROCO

Queira perdoar, senhor Capitão, porém eu requieiro que demos uma busca às arcas encouradas dos Soldados nossos prisioneiros, porque estes trastes andam sempre de casa mudada, e é natural que venham atacadas\* de móveis saqueados.

#### PRIMEIRO CAPITÃO

Deixai essas máquinas e vis instrumentos de ambição do grande déspota: não os toqueis, temei serdes infeccionados.

#### CHARROCO

Se tal é, requieiro antes que lhe façamos um cordão, para que o contágio não se apegue.

---

\* Isto é, *carregadas*.

MARIANA

Mas, senhor, os cordões das nossas mulheres e irmãs, e outros roubos, bem vedes que...

SEGUNDO CAPITÃO

O ouro na mão do roubador torna-se em verdadeiro veneno, que rala pouco a pouco suas entranhas.

MARIANA

Então em veneno se converta; mas veneno forte, que os mate de repente.

PRIMEIRO CAPITÃO

Bela Julieta, a pátria ainda me reclama. Salvaram-se os Algarves, mas o resto de Portugal ainda geme. Escolho um santo asilo para vossa morada: lá no silêncio da noite e das paixões, enviareis aos céus vossas súplicas pelo bom êxito da nossa causa; e quando a pátria não precisar de mim, virei coroar nossos amores. Irás para um convento. Estais contente?

JULIETA

A minha vontade seria acompanhar-vos, respirar o mesmo ar que vós respirásseis, e adoçar com minha presença as fadigas que vos esperam. Mas já se a sorte me nega tamanha ventura, resignada obedeço às ordens do meu amante.

PRIMEIRO CAPITÃO

Lembrai-vos, cara Julieta, que Heloísa no centro da clausura não ardia menos de amorosas chamadas pelo seu terno Abeillard\*. (*Para todos*): E vós, meus compatriotas, respeitai na pessoa da minha amante a virtude: esta é sempre digna de nossa veneração, seja qualquer que for o seu país. Lembrai-vos que

---

\* Os franceses Abelardo e Heloísa (séc. XII), depois de verem o seu amor impedido, ingressaram em conventos, a partir dos quais trocaram correspondência amorosa. Abelardo tornou-se ainda uma das maiores referências da teologia medieval.

não é à bela *metade* dos franceses que devemos nossas desgraças: esta tanto como vós odeia o déspota da França. Recordai-vos finalmente, que se a revolução francesa não produziu verdadeiros heróis, produziu pelo contrário milhares de heroínas. Charlotte Corday\*\*, Madame Roland\*\*\*, e Madame de La Fayette\*\*\*\*, e tantas outras, são desta verdade eterna prova.

MARIANA

Senhor Capitão, admiro que não faleis das heroínas portuguesas?!

PRIMEIRO CAPITÃO

Jovem, se não o faço, é porque nenhuma nos escuta.

CHARROCO (*Ao ouvido do Primeiro Capitão*)

O tal jovem, senhor Capitão, é desta vez uma rapariga como um figo, e que está de mais a mais para ser nossa consorte.

PRIMEIRO CAPITÃO (*Admirado, e medindo-a de alto a baixo*)

Eu vos satisfaço, jovem: Portugal tem tido heroínas em todos os tempos. O Capitão de Júlio César, quando veio à Lusitânia, foi desfeito na província do Minho pelas matronas bracarenses; Aljubarrota e Diu ficaram imortalizadas pelas heroínas portuguesas, e de hoje em diante Olhão será célebre por esse mesmo motivo.

---

\*\* Charlotte Corday (1768-1793), com apenas 25 anos, matou um dos principais instauradores jacobinos da chamada política do terror, sendo por isso guilhotinada.

\*\*\* Manon Roland (1754-1793), mais conhecida como Madame Roland, foi uma figura importante da Revolução Francesa. O seu marido foi Ministro do Interior, pela influência que Manon Roland tinha junto dos girondinos, partido moderado e oposto aos jacobinos. Acabou por ser guilhotinada pelos últimos.

\*\*\*\* Madame de La Fayette (1634-1693), autora de *La Princesse de Clèves*, considerada a primeira novela francesa e uma das primeiras novelas da literatura universal.

## MINISTRO

Senhor Capitão, necessito de justificar-me perante a nação e meus compatriotas, de ter acompanhado os franceses, quando marcharam sobre Olhão.

## PRIMEIRO CAPITÃO

Não precisais: nenhum de nós deve ignorar que foi a força, e não a vossa vontade, que vos arrancou de Faro. É sempre a vida inteira do homem que deve decidir da sua moral e sentimentos, e não as acções do momento, que circunstâncias superiores às nossas forças nos obrigaram a praticar. Provera aos céus, senhor, que todos vos imitassem, e que não tivesse a nossa Pátria de amaldiçoar um dia alguns de seus ingratos filhos. Honrados e valorosos habitantes de Faro e Olhão, escutai finalmente o que vos digo. Estamos inteiramente livres de nossos cruéis opressores, e para sempre cobertos de glória. Acha-se a nossa província restaurada, mas não é tudo termos expedido para longe de nós esses assassinos; é pouco, e seria mesmo nada, se não concorrêssemos para a Restauração das outras, e não puséssemos um dique à torrente impetuosa desses vândalos, que pode ainda despenhando-se inundar de novo o nosso solo. Mostremos pois, por nosso patriotismo e firme união de vontades, a todo o universo, que não nascemos para escravos, que as nossas minas produzem ferro para combater e algemar os inimigos; e que é ele, e não o ouro, que nos deve resgatar. Haja pois quem mande e obedeça, porque sem governo tudo é confusão e anarquia. Formemos uma Junta interina em nome do nosso querido PRÍNCIPE, composta dos membros mais puros de todas as classes de cidadãos, e que seja presidida pelo nosso verdadeiro Governador; confiemos nela e no seu presidente os nossos mais caros interesses. Não maltratemos os homens que nos forem suspeitos - para longe de nós a serpente da discórdia civil - mas afastemo-los da causa pública, e que não tenham parte nas resoluções do governo. Eis, amados concidadãos, quanto tenho a dizer-vos, e quanto nos resta a fazer. "Viva o nosso PRÍNCIPE REGENTE, e toda a Família Real". (*Repetem todos*).

## CHARROCO

Senhor Capitão, perdoe o meu atrevimento, porém no seu bonito discurso faltou tocar num pontozinho muito essencial: às vezes lembra a cabeças fracas o que esquece às melhores cabeças do mundo!

## PRIMEIRO CAPITÃO

Não duvido: no meio de tantos e tão incessantes negócio, nem tudo pode lembrar. Dizei o que me esqueceu, valente e honrado Charroco.

## CHARROCO

Vem a ser que, achando-se os Algarves restituídos ao seu verdadeiro dono, deve também partir a toda a pressa dos Algarves um barco a dar parte ao nosso amado PRÍNCIPE deste acontecimento; e eu quero ter a satisfação e gostinho de ser esse navegante portador.

## MARIANA

Não, sem mim não irás tu, meu Charroquinho, ainda que soubesse que ficaria para tia.

## AMARO

Já agora devemos ser todos três companheiros até à morte.

## PRIMEIRO CAPITÃO

Lembrança verdadeiramente portuguesa! Dizeis bem, e já se vós, briosos habitantes de Olhão, fostes os primeiros que sacudistes o jugo francês, é justo que ninguém vos prive da glória de serdes também os primeiros em publicar vossos brilhantes feitos. Ide, pois, dignos émulo desses antigos e nobres portugueses que vieram num frágil esquife noticiar ao senhor Rei D. Manuel a importante notícia da tomada de Diu\*. Ide, não menos contagioso, e levai ao nosso querido PRÍNCIPE a gostosa notícia da Restauração dos Algarves. Dizeilhe em nome de nós todos, sim, de todos os portugueses, que, no meio da tirania dos nossos opressores e iníquo governo, a sua adorada imagem existia gravada em nossos corações, e que o nosso amor, respeito e fidelidade para com a sua Augusta Pessoa, crescia tanto mais, quanto em nossos peitos crescia o rancor e ódio para com os cruéis inimigos da nossa pátria. (*Avançando-se para os espectadores*): Amados concidadãos meus, dignos do nome português, à Restauração dos Algarves sucedeu em breve a de todo o Portugal. Ajudados

---

\* Segundo a correcção de Alberto IRIA (*A Invasão de Junot no Algarve*, ed. cit., pp. 216-217), “foi, porém, no reinado de D. João III que a fusta de Diogo Botelho Pereira fez a travessia do Oriente até Lisboa”.

pela generosa nação inglesa, aniquilámos de todo as devorantes águias, e nem um só francês depois de Setembro pisou o solo da nossa pátria. Mas, queridos compatriotas, se a hidra que Hércules abateu tinha cabeças que renasciam, à hidra francesa, semelhante à de Lerna, rebentaram de novo hediondas cabeças; e então, repassando os Pirinéus, silvando raivosa, arrojou o seu escamoso ventre até Madrid. Eia, pois, sejamos os Hércules modernos, armemos nossos braços com a massa nacional, e corramos às fronteiras destruir a infernal hidra. Lá, formando de nossos corpos uma muralha impenetrável, e possuídos do santo entusiasmo do amor da pátria, digamos-lhe a peito descoberto:

“Pérfidos, tigres com aspecto humano, para entrardes de novo no seio de nossa querida pátria, eis aqui a estrada (*Batendo no peito*) por donde deveis penetrar primeiro que lá chegueis”.

**FIM**